

Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Artes - IdA
Departamento de Artes Visuais - VIS

Caio Sato Schwantes

ARTE E FICÇÃO:
Especulação, 'patafísica e utopias

Monografia apresentada ao Instituto de Artes da Universidade de Brasília - UnB para a obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais, sob a orientação de Daniel Fernandes e co-orientação de Sonia Paiva

BRASÍLIA - DF
2019

[Página deixada em branco obrigatoriamente]

Ficha catalográfica

SCHWANTES, Caio Sato

ARTE E FICÇÃO: Especulação, 'Patafísica e Utopias / Caio Sato Schwantes. -
Brasília, 2019. 101 f. Orientador: Daniel Fernandes Batista de Oliveira. Co-
orientadora: Sonia Maria Caldeira Paiva.

TCC (Graduação - Artes Visuais - Bacharelado) - Universidade de Brasília - Instituto
de Artes, 2019.

1. ficção. 2. patafísica. 3. utopia. 4. especulação. 5. ilha kaio.

Brasília, 12 de julho de 2019

Ata de realização de banca de defesa de trabalho de conclusão de curso

No dia 12 de julho de 2019, às 10h30, reuniu-se no Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília a banca examinadora do trabalho de conclusão do curso de Arte Plásticas, habilitação Bacharelado, do estudante Caio Sato Schwantes, matrícula 14/0053751. Após a apresentação pelo estudante, seguida das devidas arguições, a banca examinadora deliberou pela aprovação, com a menção SS.



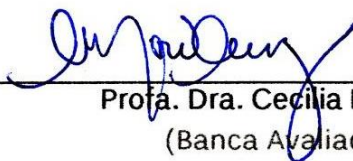
Prof. Ms. Daniel Fernandes de Oliveira – 1103008
Orientador



Profa. Dra. Sonia Maria Caldeira Paiva
(Co-orientadora)



Profa. Dra. Denise Conceição Ferraz de Camargo
(Banca Avaliadora)



Profa. Dra. Cecilia Mori Cruz
(Banca Avaliadora)

Departamento de Artes Visuais – VIS

Ed. SG-1, Campus Universitário Darcy Ribeiro, Asa Norte – Brasília-DF, CEP: 70.910-900
Telefones: (61) 3107-1134 / (61) 3107-1172

Dedicatória

Dedico este trabalho à todos os falsários, mentirosos e inventores que tornam este mundo menos previsível.

Agradecimentos

À Universidade de Brasília por toda a balbúrdia e fuleragem da pesquisa científica baseada em artes.

Ao Departamento de Artes Visuais, por não ser tão careta assim.

Aos meus orientadores, que estiveram comigo nas diversas tentativas de abrir e fechar esse trabalho. Daniel Fernandes com quem além de ter diálogos desesperadores (pela nossa situação global) e simultaneamente instigantes, esteve do meu lado nesse cronograma apertado e Sonia Paiva que me acompanhou desde antes da minha primeira aula na UnB e com quem fui à Praga 2 vezes.

Agradeço a minha família, sobretudo meus pais e meu irmão, Sandra Sato, Martin André Schwantes e Cauê Sato Schwantes, que me apoiaram durante todo esse trajeto escolar e que me direcionaram a escolher essa incrível Universidade: “Ou tu faz UnB, ou tu faz UnB”.

Aos meus avós Marlene Dias Sato, Sehte Sato e Gertrud Schwantes também por todo apoio.

À Ana Claudia Gonçalves Mascarenhas, que eu amo muito, por estar sempre do meu lado, aguentando assistir inúmeros filmes e séries sob a desculpa de “Ah! mas é para o meu TCC”.

Aos meus amigos de infância: João Alvim (e os esquilos, haha), Lis Chayb (nome inspirado em Djavan) , Dora (a aventureira) Sales, Rafael Patrão (Sim leitor, esse é realmente o sobrenome dele, ele foi o primeiro responsável por marcar a Ilha Käio no Google) e Jade Luz (cujo outro nome sempre confundo com citronela) com quem tive discussões intermináveis nos arredores do Complexo Etílico da UnB - CEU.

Aos amigos que fiz ao longo do curso na UnB e fora dela, Mile Lemos, Emilie Castellar, Vitoria Barreiros, Cecilia Lima, Calen Dawkins, Raissa Studart, Rafaela Lassance, Helena Dalbone, Giovana Melo, Paulinha Cathoud, Laura Gonzales,

Iguinho Krieger, Hugo Martino, Camila Cidreira, Arthur Gomes, Maria Eugenia Matricardi, Gabriella Ferreira, Marcilio Rocha, Marcus Carneiro, João Mariano por todo o desespero compartilhado, ideias trocadas e trampos feitos. (se esqueci alguém é porque eu sou bem ruim de memória).

Aos Integrantes e Ex-integrantes novos e velhos do LTC, Sonia Paiva, Eric Costa, Patricia Mechick, Carolina "Guidão" Guida, Matheus MacGinity, Luana Castro, Helano Stuckert, Guto Viscardi, Ana Carolina "Carol Azul" Conceição, Anna Carolina Marques, Lucas Sertifa, Bono, Tatá, Flávio Café, Carlos Eduardo "Caco" Peukert, Marcela Siqueira, Bruna Camurça, Sarah Fialho, Rafael Botelho, Raquel Rosidette, Julia Gonzalez.....

Por fim, ao Lo Fi Hip Hop que me acompanhou em todo esse processo!

Epígrafe

Marco Polo descreve uma ponte pedra por pedra.

- *Mas qual pedra sustenta a ponte? - pergunta Kublai Khan*
- *A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra - responde Marco - mas pela curvatura do arco que estas formam.*

Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta:

- *Por que falar das pedras? Só o arco me interessa.*

Polo responde:

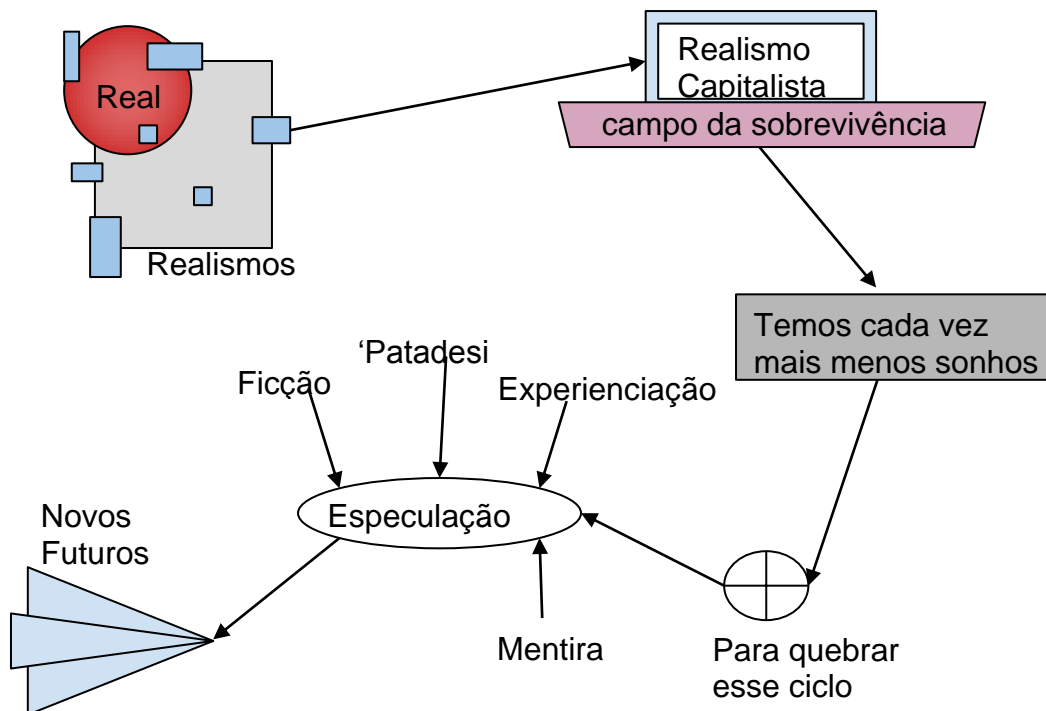
- *Sem as pedras o arco não existe.*

Italo Calvino

Resumo

Este trabalho analisa a arte e a ficção como ferramentas especulativas e utópicas/eutópicas. Essas ferramentas são usadas no combate ao realismo político, ideológico, capitalista que se afirma como modelo hegemônico, visando o fim dos sonhos e a promovendo a conformidade com a “realidade” vigente. O desenvolvimento teórico é aplicado na análise de obras e artistas e no desenvolvimento poético da obra *Ilha Kãio*.

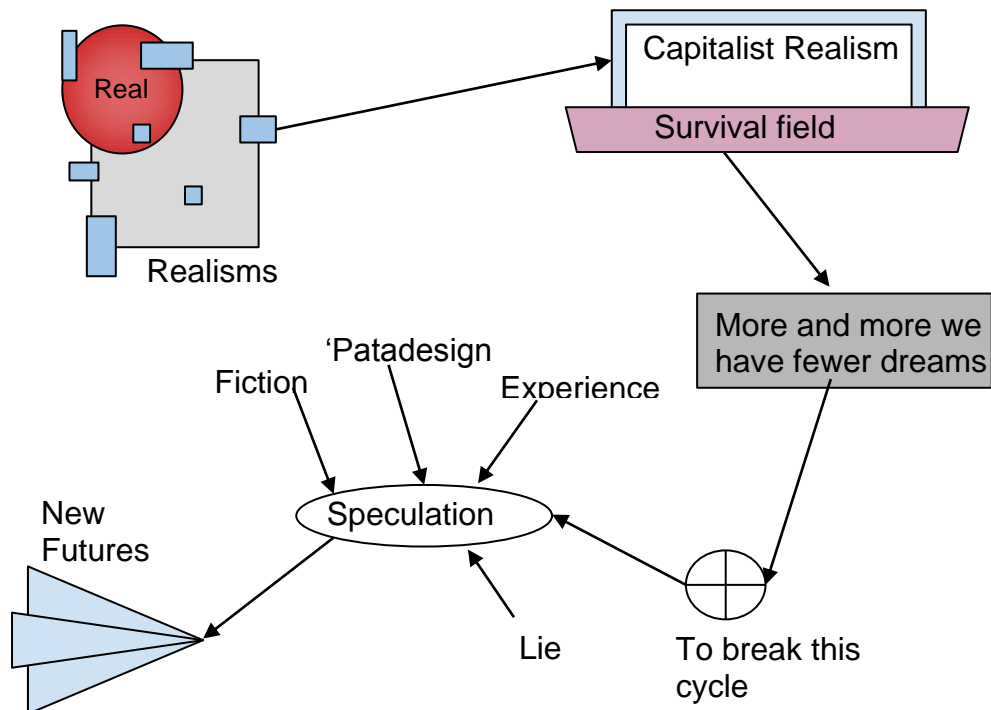
Palavras Chave: Ficção; Especulação, ‘Patafísica; Utopia; Ilha Kãio



Abstract

This work analyzes art and fiction as speculative and utopian / eutopic tools. These tools are used against the political, ideological, capitalist realism that asserts itself as a hegemonic model, aiming at the end of dreams and promoting conformity with the current "reality". The theoretical development is applied in the analysis of works and artists. It is also applied in the poetic development of the work Ilha Käio.

Keywords: Fiction; Speculation, 'Pataphysics; Utopia; Ilha Käio



Lista de imagens

Figura 1: A semente do Labirinto. Acervo Nosso	21
Figura 2: Diagrama Real-Ficção. Acervo nosso	28
Figura 3: Diagrama das vertentes do Realismo. Acervo nosso	30
Figura 4: Diagrama sobre Realismo Capitalista. Acervo Nosso	33
Figura 5: Diagrama Cones de Futuro. Acervo Nosso	39
Figura 6: Diagrama Fisica, Metafisica e Patafisica. Acervo nosso	50
Figura 7: Diagrama Arte-Real de interações. Acervo Nosso	51
Figura 8: Diagrama Real-sistemas-linguagens. Acervo nosso	55
Figura 9: Diagrama das classificações. Acervo nosso	56
Figura 10: Diagrama dos artistas. Acervo nosso	64
Figura 11: Fotografias da obra na vernissage. Acervo Nosso.	72
Figura 12: Como ser uma obra de arte contemporânea e se passar despercebida. Acervo nosso	73
Figura 14: Artista junto à obra. Acervo nosso	93
Figura 15: Foto da instalação. Acervo nosso.....	93
Figura 16: Foto da obra no espaço. Acervo nosso	94
Figura 17: Detalhe da obra. Acervo nosso	94
Figura 18: Obra vista de frente. Acervo nosso	95
Figura 19: Detalhe da obra. Acervo nosso	95
Figura 20: Detalhe da obra. Acervo nosso	96
Figura 21: Detalhe da obra. Acervo nosso	96
Figura 22: Obra de Marques Lima. Acervo nosso	97

Sumário

<i>Uma breve nota sobre a bibliografia</i>	15
Referências	16
Bibliografia complementar	20
Entrando no Labirinto	21
Introdução	24
PARTE 1	
Elucubrações Teóricas	26
Sobre o Real e os Realismos	28
Vertentes do Realismo	30
Realismo Capitalista e o fim de outras Realidades Possíveis	33
Utopias e os Sonhos	37
Especulação e Design Especulativo como retomada das rédeas	39
Mentira como Realidade (Poética) ou Elogio À Mentira	43
'Patafísica: a filha de uma cefalurgia entre o riso, a mentira, o absurdo, o singular e um babuíno rosa.	48
PARTE 2	
Artistas.jpeg	53
Sobre nossa proposta de Classificação	55
O jogo com a Linguagem ou isto não é arte: Duchamp, Magritte e Broodthaers	56
O jogo de Sistemas: Peter Hill, Tim Ingold e Ruth Sousa	58
O jogo com Sistemas: N099, Luiza Crosman e Orson Welles	60
O jogo de Especular: Isabella Brandalise e Gabriela Bilá	62
PARTE 3	
Errantologia	66
Uma trajetória em busca da ficcionalização do mundo	68
[04/nov/2018] Eu já diplomei, vocês que não viram.	70
A Ilha Käio	74
Relatos para um Ilha	77
Exposição Interpenetráveis	93
Oops I Did It Again	97
Por fim, tudo de novo.	98

1. Trace um quadrado no chão;
2. Este espaço agora é seu;
3. Funde uma utopia.

Uma breve nota sobre a bibliografia

Ao longo da minha trajetória universitária percebi que normalmente há um certo pudor no texto de pesquisadores e acadêmicos, no qual parece que tudo foi feito do jeito mais correto e sofisticado (mesmo quando o próprio relatório de pesquisa mostra o contrário). Em parte é culpa das normas de formatação que criam um véu que esfumaça as quinas e arestas, fazendo-as parecer de doce tom pastel. A verdade é que muito de minha bibliografia deve-se à pirataria, à mentira e à trapaça.

No momento não saberei afirmar ao certo sobre todos os títulos aqui contidos, mas ao que me lembro, *Sociedade do Cansaço*, *Simulação e Simulacro*, *The Storytelling Animal*, *Bem vindo ao deserto do real!* e *Speculative Everything* eu tive acesso via grupos de facebook, thepiratebay, Libgen e blogs de tipologia duvidosa.

Outros consegui enganando sites como o Scribd, que solicita um novo documento em troca de poder baixar algum texto que outra pessoa subiu caso você não tenha uma conta premium. Eu ia para a minha versão pirateada do Word 2010, batia em algumas teclas e salvava como PDF. Pronto, tinha um arquivo perfeito para trocas alquímicas com o site.

E, por fim, o livro que iniciou toda essa escrita dois anos atrás: *Mentira de Artista*. Consegui pela mentira (?)¹.

Tomei conhecimento do texto de Fábio Oliveira Nunes (FON) por meio de um rapaz que fazia uma matéria comigo na época. Ele havia voltado de São Paulo e lá tinha participado de um evento no qual ganhou o livro gratuitamente. Ele me emprestou afirmando achar o livro pertinente para minha pesquisa - estava falando muito sobre superficialidade e coisas do gênero. Eu colocava cuidadosamente post-its para não estragar de modo algum o livro. Acontece que certo dia fui surpreendido por uma dessas chuvas típicas do meio de abril em Brasília.

O Livro ficou acabado. Os post-its derreteram e mancharam-no todo, nada que impedisse a leitura, mas que obviamente estragava o livro. Desesperado, contatei o autor afirmando que precisava do livro para o meu TCC (sabia que assim estava apelando ao lado acadêmico dele) e consegui convencê-lo a enviar sigilosamente por correio, afinal se tratava de um edital de São Paulo e as cópias deveriam ser distribuídas somente lá².

O livro chegou autografado em meu nome, entreguei a versão nova ao meu colega explicando a situação, e acabei ficando com a versão manchada para mim. Li o livro inteiro e me fascinei pelo tema, de fato.

Esse livro foi a semente teórica desta pesquisa.

Nem sempre a virtude compensa.

¹ Questiono aqui se uma mentira, quando se torna verdade, continua sendo mentira?

² Deveria contar isso aqui? Para todos os casos essa história toda não passa de mentira...

Referências

(Peço perdão se esqueci de algum, é o primeiro trabalho que faço sério)

ARRUDA, Tereza de (org.). **50 anos de realismo: do fotorrealismo à realidade virtual**. São Paulo: Prata Produções, 2018.

BILÁ, Gabriela. **Teleport City**. Catálogo, 2017. Disponível em <https://issuu.com/novoestudiobsb/docs/teleport_city_catalogo_issuu_01_e67054bfdaaa97>. Acessado em 04/06/2019.

BORGES, Jorge Luis. **O idioma analítico de John Wilkins**. In: BORGES, Jorge Luis. Outras inquisições. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 121-6.

BRANDALISE, Isabella. **dossier of public interest: stopd**. Disponível em: <<https://vimeo.com/163607812>> Acesso em: 06/07/2019.

CHAVES, Wilson Camilo. **Considerações a respeito do conceito de real em Lacan**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 14, n. 1, p. 41-46, jan./mar. 2009

COELHO NETO, José Teixeira. **O que é Utopia**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

CRUZ, Cecília Mori. **Cabine da Mentira: bobearias em trânsito para a arte contemporânea**. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, IdA/VIS, Programa de Pósgraduação em Artes. Brasília, 2014. Disponível em: <repositorio.unb.br/bitstream/10482/18624/1/2015_CeciliaMoriCruz.pdf>. Acesso em 22/06/2019.

The Century of the Self. Direção de Adam Curtis. UK: BBC, 2002, dur. aprox. 175 min.

CRUZ, Cecília Mori. **Cabine da Mentira: bobearias em trânsito para a arte contemporânea - normas, formas e as ridículas listas**. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, IdA/VIS, Programa de Pósgraduação em Artes. Brasília, 2014a.

CRUZ, Cecilia Mori. **Cabine da Mentira: bobearias em trânsito para a arte contemporânea - entre pontos estelares**. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, IdA/VIS, Programa de Pósgraduação em Artes. Brasília, 2014b.

DUNNE, Anthony; RABY, Fiona. ***Speculative Everything: design, fiction and social dreaming***. Cambridge: MIT Press, 2013.

FISHER, Mark. **Capitalist Realism: Is There No Alternative?** (Winchester, UK: Zero Books, 2009).

Folha de São Paulo, **Óculos deixados no chão de museu nos EUA são confundidos com obra de arte**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/05/1775290-oculos-deixados-no-chao-de-museu-nos-eua-sao-confundidos-com-obra-de-arte.shtml>>. Acesso em 21/05/2019.

FOSTER, Hal. **O retorno do real: a vanguarda no final do século XX**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

F for fake. Direção: Orson Welles. França: 1975. 89 min. Filme. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Z9OJH1HOWfM>>. Acesso em 05/07/2019.

HARRIS, Bradon. **Adam Curtis's Essential Counterhistories**. The New Yorker. 3-Nov.-2016. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/culture/culture-desk/adam-curtiss-essential-counterhistories>>. Acesso em: 05/04/2019.

HILL, Peter. **Superfictions: the creation of fictional situations in international contemporary art practice**. University of Melbourne: RMIT, 2000.

HyperNormalisation. Direção: Adam Curtis. UK: 2016. 2h 46min. Documentário. Filme. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yS_c2qqA-6Y>. Acesso em: 06/07/2019.

HUGILL, Andrew. **'Pataphysics: A useless guide.** Massachusetts: The MIT Press, 2015.

JARRY, Alfred. **Exploits & Opinions of Dr. Faustroll, Pataphysician.** Boston: Exact Change, 1996.

JARRY, Alfred. **Artimanhas e Opiniões do Dr. Faustroll, patafísico.** Tradução de Guilherme Trucco. Disponível em:

<<https://www.guilhermetrucco.com/downloads>>. Acesso em 04/07/2019.

JESUS, Allan Mendes de. **Design e narrativa: a prática, pesquisa e didática em design a partir da relação entre ficção e realidade.** 2016. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

LACAN, Jacques. **Nomes-do-Pai.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LETHEM, Jonathan, **IT ALL CONNECTS - Adam Curtis and the Secret History of Everything.** NY Times. 27-out.-2016. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/interactive/2016/10/30/magazine/adam-curtis-documentaries.html>> Acesso em: 05/07/2019.

LOTKER, Sodja (Ed.) et al. **Catalogue of 13th edition of PQ 2015.** República Tcheca: Institut umění - Divadelní ústav, 2015. ISBN 978-80-7008-350-5.

MEIRELES, Cildo. **Inserções em Circuitos Ideológicos (1970).** Disponível em: <<http://passantes.redezero.org/reportagens/cildo/inserc.htm>>.

MOSS, Laura. **'Paper towns' and other lies maps tell you.** Disponível em: <<https://www.mnn.com/lifestyle/arts-culture/stories/paper-towns-and-other-lies-maps-tell-you>>. Acesso em: 12/07/2018.

NO99. **NO75 Unified Estonia Assembly.** Disponível em:

<<https://no99.ee/productions/no75-unified-estonia-assembly>>. Acesso em: 09 de Jul de 2018.

NUNES, Fábio Oliveira. ***Mentira de Artista: arte (e tecnologia) que nos engana para repensarmos o mundo.*** São Paulo: Cosmogonias Elétricas, 2016.

OLIVEIRA, Luiz Alberto. **Museu do amanhã.** Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015.

PAIVA, Sonia Maria Caldeira. **O Laboratório Transdisciplinar de Cenografia (LTC): locus do espaço e desenho da cena no Brasil.** Tese (Doutorado em Artes)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

PLATÃO. **Sobre a Mentira (Hípias menor) precedido de Sobre a inspiração poética (Íon).** Porto Alegre: L&PM, 2016. ISBN 978-85-254-3428-9.

RÖHRL, Boris. **Os quebradores de pedras de Gustave Courbet - ponto de partida de diferentes concepções do realismo moderno in 50 anos de realismo: do fotorrealismo à realidade virtual.** Org. Tereza de Arruda. São Paulo: Prata Produções, 2018.

SOUSA, Ruth Moreira de. **Made-up memories corp: a ficção como estratégia na construção de lembranças inventadas.** Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Artes. Rio Grande do Sul, 2013.

WIKIPEDIA. **Fictitious entry.** Disponível em:

<https://en.wikipedia.org/wiki/Fictitious_entry> .Acesso em 12/07/2018.

ZIZEK, Slavoj. **Bem-Vindo Ao Deserto Do Real!.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

Bibliografia complementar

*(Ou livros que li intercalados com a lista anterior para não pirar na teoria.
Spoiler: não funcionou)*

BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

CALVINO, Italo. **Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CALVINO, Italo. **Os nossos antepassados**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ECO, Umberto. **História das terras e lugares lendários**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

FONTES, Claudia. **O Pássaro Lento**. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2018.

ISHIGURO, Kazuo. **Não me abandone jamais**. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. São Paulo: Globo, 2014.

PAGE, Martin. **A libélula dos seus 8 anos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

PAGE, Martin. **Como me tornei estúpido**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

Entrando no Labirinto

Conheci o Laboratório Transdisciplinar de Cenografia - LTC em 2014. Na época havia acabado de entrar na Universidade de Brasília e estava no limbo das férias entre o final do Ensino Médio (novembro) e o início da universidade (março). Para combater o ócio vazio fui aprender sobre luz de exposição com o Carlos Eduardo Peukert (ou, como ele realmente é conhecido, Caco). Trabalhei por mais ou menos uma semana das 9h às 21h na montagem da exposição da Yayoi Kusama no CCBB. Ao final do trabalho ele me recomendou: - Você tem que conhecer a Sonia Paiva e o grupo dela, acho que vai gostar.

Peguei o contato do Zé Roberto (vizinho de mesmo terreno dela). Liguei, conversei um pouco e o Zé me passou o contato dela. Lembro claramente, estava do lado externo do Museu da República esperando passar um ônibus quando liguei para Sonia. Me apresentei e conversamos um pouco, ela me chamou para ir na reunião que ocorreria sexta-feira de tarde na casa dela (também conhecida como Parque de Produções) com os outros membros.

Sexta-feira fui lá, lembro de estarem presentes Raquel Rosidete, Marco Campos, Eric Costa, Flávio Café e Elise Hirako. Eles estavam se reunindo para saber o que fariam ao longo do semestre. Eu conheci um pouco o espaço e fui ajudar o Marco e o Café a arrumar a biblioteca.

Lembro que gostei muito do grupo de cara, apesar de não saber muito bem o que era Laboratório, nem o que era Cenografia... bom, e muito menos o que era Transdisciplinar. Decidi que aprenderia na prática, eles pareciam buscar algo que eu também almejava. Apesar de não saber muito bem o que era, o fim do Ensino Médio havia me deixado com uma sensação estranha - sentia que tudo estava errado. Eu via que o LTC estava buscando uma resposta para isso.

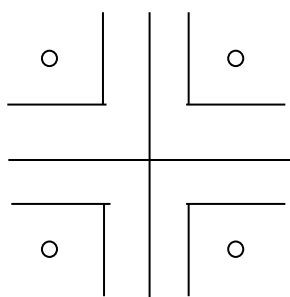


Figura 1: A semente do Labirinto.
Acervo Nosso

Agora, após cinco anos de Laboratório, acho que sou capaz de definir o que é o LTC. O Laboratório Transdisciplinar de Cenografia é um Programa de Extensão de Ação Continuada (PEAC) da Universidade de Brasília, coordenado pela profa. Dra. Sonia Paiva, que visa proporcionar uma vivência do conhecimento de modo holístico em resposta a um ambiente que fragmenta os conhecimentos e os compartimenta em caixas epistemológicas. Paiva, em seu doutorado, detalha:

O processo do LTC é fundamentado na transdisciplinaridade, na colaboração das múltiplas inteligências e na economia criativa, cujas experiências conduzem o pensar e o fazer. É a partir de nossas relações que o repertório coletivo é construído. No LTC, vemos a Cenografia de maneira expandida de uma disciplina para um campo indisciplinar, o Desenho da Cena. Este campo é aberto e pode ser significado pelas relações entre linguagens. [...] desenvolvemos nossa imaginação e cultura; trabalhamos para criar ferramentas multimodais para atender às múltiplas linguagens envolvidas no processo, e realizamos nossa arte coletiva, que nos define como grupo (PAIVA, 2016, p. 9)

Aprendi com o laboratório a passear por todos os campos do conhecimento, o que me permitiu costurar diversas disciplinas com as quais lidei na produção desse trabalho de conclusão de curso. Em alguns momentos o leitor perceberá que este texto transborda para além dos terrenos das Artes Visuais, passeamos pela filosofia, psicologia, música, história, diria que até pelas ciências inexatas.

Não me aprofundarei aqui, mas foram as diversas metodologias que aprendi no Laboratório que permitiram a pesquisa e a estruturação deste trabalho. Metodologias essas que vão desde os cadernos de registro, passando pelos 5W2H, até os Storyboards para trabalhos acadêmicos.

1. Monte 4 cubos de madeira de dimensões 10x10x10cm;
2. Posicione-os um ao lado do outro com uma distância de 5cm entre si;
3. Delicadamente, com o auxílio de uma marreta, desmonte-os até que um bloco não seja mais distinguível do outro.

Introdução

Quadrienal de Praga. 2015. O maior evento do mundo sobre cenografia. Olhares atentos para o que iria acontecer, olhares atentos para quem iria ganhar o prêmio Triga de Ouro e se tornar a referência mundial durante os próximos 4 anos. Eu estava apenas no meu terceiro semestre do curso de Artes Visuais na Universidade de Brasília - UnB, mas participava desse evento por conta do Laboratório Transdisciplinar de Cenografia - LTC. A coordenadora e professora Sônia Paiva tinha sido escolhida para ser curadora da Mostra dos Estudantes do Brasil e estávamos ali de equipe de montagem e assistência.

E a Triga de Ouro vai para... [Suspense] Estônia! [aplausos] com o projeto Unified Estonia! [público ovaciona] Diretores do projeto caminham para o palco para receberem o troféu. Discurso acalorado [palmas]. O trabalho premiado era fruto do grupo NO99 e foi uma ação realizada entre março e maio de 2010. Durante esse período eles copiaram as ações de partidos políticos - tecnologias políticas como o grupo chamou - para criarem o seu próprio partido um ano antes da corrida parlamentar no país: Unified Estonia³. Valendo-se de entrevistas, releases de imprensa, pôsteres de campanha e escândalos dignos de primeira página nos jornais eles propagaram suas propostas extremamente populistas, de extrema direita e xenóforas. Durante 44 dias eles percorreram o país inteiro divulgando suas ideias e conquistando eleitores; a ação somente se encerrou com a Unified Estonia Assembly, quando o partido comunicou para uma plateia de 7500 pessoas que tudo aquilo não passava de uma ação performática e teatral e por isso nada daquilo era real. “Então, isso era Política ou ‘apenas Arte’? Ninguém conseguia dizer. Alguns especialistas previram que a Unified Estonia conseguiria 20% dos votos nas próximas eleições”⁴.

Foi neste momento que compreendi que as fronteiras entre realidade e ficção estavam borradas - *elas de fato existiam?* - e isso me fascinava. E foi tentando entender esse lugar da arte como objeto que engana, que oculta, que mente, que cria fantasias e ficções, que eu iniciei a minha pesquisa. Simultaneamente à minha investigação pessoal, realizei cursos pela UnB e fora dela que me permitiram

³ LOTKER, Sodja (Ed.) et al. *Catalogue of 13th edition of PQ 2015*. República Tcheca: Institut umění - Divadelní ústav, 2015.

⁴ Tradução livre: “So was it politics or “just art”? Nobody really could tell. Some experts predicted that „Unified Estonia“ would get 20% of the vote at the next elections.” (NO99, NO75 Unified Estonia Assembly.)

ampliar ainda mais a minha concepção sobre ficção: 'Patadesign ministrado pelos professores Henrique Eira e Isabella Brandalise, onde conheci o design especulativo, a 'patafísica e o design crítico, além de adquirir textos fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho; Design Fiction ministrado por Allan Mendes e Daniel Fernandes, no qual me aprofundei nestes temas (com exceção de 'patafísica) e trabalhei com tópicos como cyberpunk, steampunk, nowpunk e vaporwave; e, por fim, Autoficção, de Tiago Velasco, onde pude praticar a escrita ficcional que me ajudou a compor este trabalho.

O texto está dividido em três partes. Na primeira delas trabalhei os conceitos teóricos e desdobramentos de pensamentos sobre real, realismo, ficção, especulação e 'patafísica. Na segunda, analisei trabalhos de diversos artistas, modernos e contemporâneos, observando como dialogam entre si. Por fim, na terceira parte, me debrucei sobre o trabalho desenvolvido para a diplomação em Artes Visuais e sobre meu trajeto artístico no bacharelado.

PARTE 1
Elucubrações Teóricas

Nossas obras em pedra, em tinta, em impressão, são poupadas. Algumas delas por um punhado de décadas ou até por um milênio ou dois, mas tudo deve finalmente sucumbir, ou se desgastar até se tornar a última e universal poeira - os triunfos, as fraudes, os tesouros e as falsificações. Um fato da vida: vamos morrer. "Tenha um bom coração", chore os artistas mortos fora do passado vivo. "Nossas músicas serão todas silenciadas, mas e daí? Continue cantando." Talvez o nome de um homem não importe tanto assim. (F for Fake, 1975)⁵

⁵ Original: Our works in stone, in paint, in print, are spared, some of them, for a few decades or a millennium or two, but everything must finally fall in war, or wear away into the ultimate and universal ash - the triumphs, the frauds, the treasures and the fakes. A fact of life: we're going to die. "Be of good heart", cry the dead artists out of the living past. "Our songs will all be silenced, but what of it? Go on singing." Maybe a man's name doesn't matter all that much. (F for Fake, 1975)

Sobre o Real e os Realismos

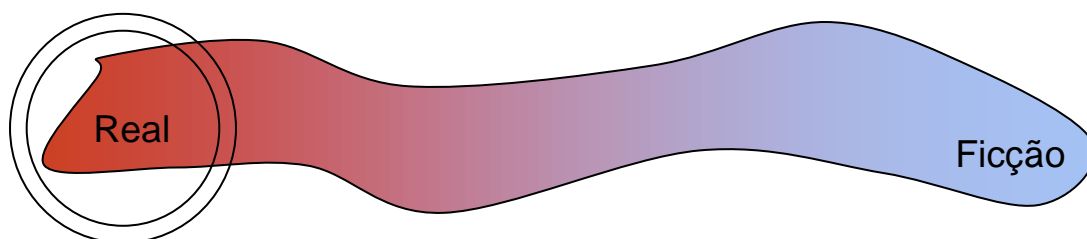


Figura 2: Diagrama Real-Ficção. Acervo nosso

Entender a ficção é entender a realidade. Isso se cogita no diálogo registrado por Platão em que Sócrates explica a Hípias que, para mentir, necessita-se saber. O mais sábio seria o mais capaz de mentir, segundo Sócrates⁶.

Em nosso tempo, real, realidade, realismo, verdade, autêntico e correto são conceitos comumente colocados como sinônimos e, por sua vez, em oposição aos conceitos de ficção, mentira, imaginação, ilusão e falso. Não negamos a possibilidade do Real e da Ficção estarem em lados opostos do mesmo espectro, entretanto há uma ideologia por detrás desses conceitos que foi desenvolvida e perpetuada ao longo da nossa história e filosofia - uma idéia de que o Real seria equiparável ao Bom e ao Verdadeiro. Tal equiparação ignora que a realidade também pode ser cruel, ignora as guerras que acontecem, assim como ignora a lenta destruição do nosso ecossistema.

Ainda assim, persiste a questão: “o que é o Real?”. Jacques Lacan (1901-1981), psicanalista francês, estabelece a tríade Real, Simbólico e Imaginário e a partir dela afirma que o Real é aquilo que está além do Simbólico, sendo este a esfera codificada de mediação entre os Imaginários de psiques individualizadas. O Real é da ordem do incompreensível, do impossível de se dizer⁷, uma vez que se encontra fora da linguagem e da significação. Para Lacan, “O Real é ou a totalidade ou o instante esvanecido” (2005, p. 45).

Para complementar esse pensamento, Hal Foster (1955 -), teórico e crítico de arte norte-americano, em seu livro *O retorno do real* observa que “Lacan define o

⁶ PLATÃO. *Sobre a Mentira (Hípias menor) precedido de Sobre a inspiração poética (Íon)*. Porto Alegre: L&PM, 2016.

⁷ Wilson Camilo Chaves escreve sobre o desenvolvimento do conceito de real segundo Lacan em seu artigo *Considerações a respeito do conceito de real em Lacan*.

traumático como um encontro faltoso com o real. Na condição de faltoso, o real não pode ser representado; só pode ser repetido” (2014, p. 128).

A reformulação deste conceito lacaniano é feita pelo filósofo esloveno Slavoj Žižek (1949 -) no livro *Bem-Vindo Ao Deserto Do Real!*, no qual este autor elabora a concepção do Real não como uma Coisa necessariamente traumática, mas como a Coisa que nos ajuda a manter o nosso simbolismo existente:

Devemos aqui abandonar a metáfora padrão do Real como a Coisa aterradora que não se é capaz de enfrentar cara a cara [...] a Coisa Real é um espectro fantasmático cuja presença garante a consistência do nosso edifício simbólico, permitindo-nos evitar sua inconsistência constitutiva (“antagonismo”). (ŽIŽEK, 2003, p. 46)

Ainda neste livro, Žižek explica que a Paixão do século XX foi penetrar no vazio destrutivo da Coisa Real, uma busca pelo Real mais que Real (um certo Hiper Realismo) que, por sua vez, culmina nos efeitos especiais, nos *reality shows* e nos filmes *gore*. Essa busca pelo Real desemboca, ironicamente, em uma paixão pela aparência de real, um semblante.

Para compreender isso melhor precisamos diferenciar (como diferenciou Lacan nos anos 70) Real de Realidade. O Real, por ser inapreensível, não é passível de ser simbolizado - muito menos representado - entretanto, o contato do Sujeito, que é Real, com o Objeto externo a ele, que também é Real, gera um modelo mental no Sujeito (uma tentativa de simbolização). Esse modelo é tanto influenciado pela relação com o objeto quanto é influenciado pelas percepções sociais e culturais do indivíduo.

A Realidade então seria a soma destes diversos modelos que estabelecemos em nosso contato com o mundo. Apesar de calcadas no Real - que abrange a totalidade de todos os fenômenos - as Realidades de diferentes indivíduos e diferentes grupos socioculturais se distinguem e se diferem.

Realidade nesse sentido não se difere de Realismo. O que podemos afirmar é que esse termo foi, ao longo do tempo, mais utilizado para descrever movimentos artísticos, teatrais, literários, entre outros.

Vertentes do Realismo

É oportuno, para nossa explicação, estar acontecendo, no momento em que escrevemos, a exposição *50 anos de Realismo: do fotorrealismo à realidade virtual*⁸ onde são mostradas obras que representam diferentes linhas de realismo - a exposição é composta por obras fotorrealistas, hiperrealistas e de realidade virtual, de artistas nacionais e internacionais

No catálogo da exposição organizado por Tereza de Arruda, o autor Boris Röhl - escritor do livro *World History of Realism in Visual Arts 1830-1990* - explica as três vertentes principais do realismo no campo da arte figurativa:

Na primeira visão, o realismo era definido como uma espécie de pintura semelhante à fotografia, ao passo que, na segunda, era visto como um método para a representação da vida moderna e do meio ambiente, e, na terceira, como arte crítica. (2018, p. 22)

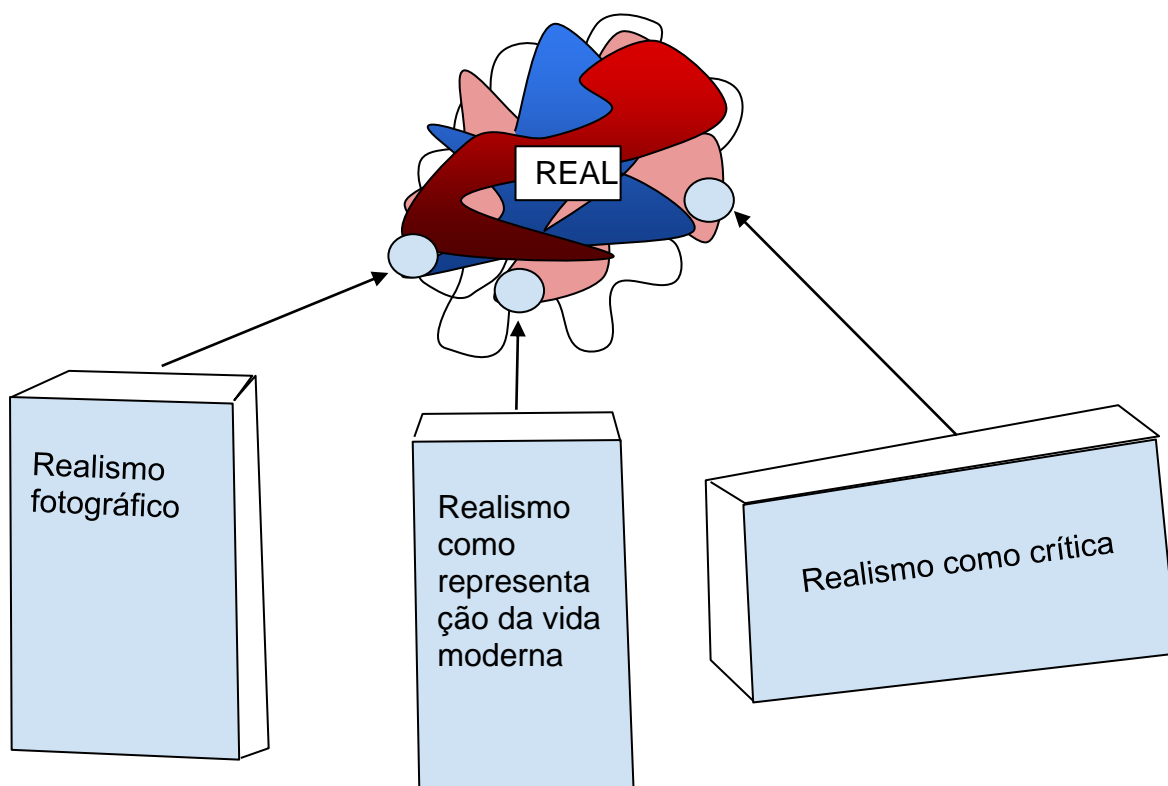


Figura 3: Diagrama das vertentes do Realismo. Acervo nosso

⁸ A exposição ocorreu no Centro Cultural Banco do Brasil - CCBB Brasília entre 04/fev e 28/abr de 2019 e contou com a curadoria de Tereza de Arruda.

A primeira vertente, segundo Röhl, vinha do pensamento de que o realismo deveria atuar como imitação do mundo natural, opondo deste modo, o realismo ao idealismo - essa concepção de certo modo culminaria no movimento fotorrealista dos anos 70 nos Estados Unidos (um exemplo de artista dessa linhagem é o Ralph Goings). A segunda vertente, por sua vez, reafirmava a “moral e os bons costumes” da sociedade industrial, encontrando nas artes visuais Gustave Courbet e na literatura de Gustave Flaubert, com seu livro *Madame Bovary*, grandes expoentes. E, por fim, a linha do Realismo Crítico, que defendia a representação da realidade como forma de crítica social; com *Guernica* de Picasso, ou ainda as obras de Portinari.

A realidade então mostra-se multifacetada e maleável, afinal “Se um grande número de indivíduos concorda sobre determinada concepção visual do mundo, certamente podemos chamar isso de “realidade” (RÖHRL, 2018, p. 24).

- ...mas Caio! Onde se encontram as imagens das obras que você tanto cita?

[folheando rapidamente as páginas]

- Oras! não disse que este trabalho é sobre ficção...

- Sim! *[interrompendo]* mas mesmo assim..

- Ok! A verdade? Não tive tempo de produzir as obras de todos esses artistas que inventei para este trabalho! Ok? Era isso que você queria saber?

Satisfeito?

-...

- Vai me dizer que você acredita que Picasso existe?!? *[irritado]*

-...

- E bom.. *[se acalmando]* sobre os que eu não inventei.. esses você pode imaginar

Realismo Capitalista e o fim de outras Realidades Possíveis

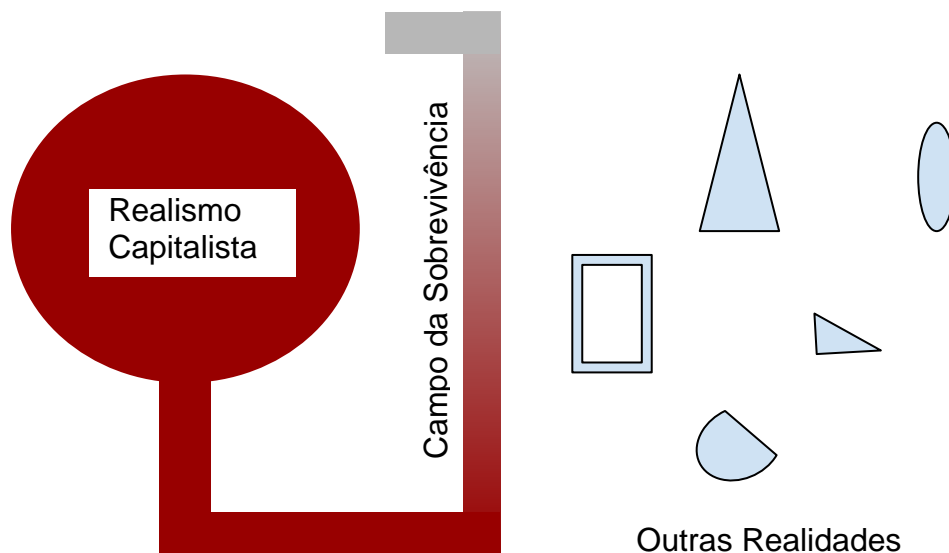


Figura 4: Diagrama sobre Realismo Capitalista. Acervo Nosso

É com essa compreensão da existência de diversos realismos, como lentes que moldam o nosso olhar sobre o mundo, que podemos então compreender a ideia proposta pelo teórico Mark Fisher de que vivemos atualmente em um Realismo Capitalista, que se propõe incessantemente como única alternativa viável.

Para o autor, o termo cunhado de forma satírica⁹ na década de 60 por um grupo de artistas *pop* alemães não se restringiria ao campo da arte; o termo para ele adquire um significado mais expansivo (ou, como o próprio autor admite, exorbitante):

O realismo capitalista, como eu entendo, não pode ser confinado à arte ou ao modo quase propagandístico em que a publicidade funciona. É mais como uma atmosfera difusa, condicionando não apenas a produção cultural, mas também a regulação do trabalho e da educação, e atuando como uma espécie de barreira invisível que limita o pensamento e a ação. (FISHER, 2009, p. 16, tradução nossa)¹⁰

⁹ O termo Realismo Capitalista faz referência ao Realismo Socialista, estilo artístico oficial utilizado pelo Estado da União Soviética entre as décadas de 1930 e 1980. Através de uma produção artística e visual, os artistas soviéticos criaram uma forma de ver o mundo que glorificava a representação dos valores comunistas. A sátira do R.C. se daria justamente em glorificar valores capitalistas.

¹⁰ Original: "Capitalist realism as I understand it cannot be confined to art or to the quasi-propagandistic way in which advertising functions. It is more like a pervasive atmosphere, conditioning not only the production of culture but also the regulation of work and education, and acting as a kind of invisible barrier constraining thought and action." (FISHER, 2009, p. 16)

Ao longo de seu livro, Fisher trabalhará mais a fundo esse conceito e como ele afeta as nossas relações, saúde mental, ensino e trabalho (e até como Kurt Cobain e Bono Vox tomam parte, sendo simultaneamente sintomas e autores desse processo mundial).

Com a queda da União Soviética e a ascensão do liberalismo econômico, nos encontramos em um estado de hegemonia global no qual o Capitalismo reitera-se como o único sistema político e econômico viável. Mark Fisher vai além e afirma que “não conseguimos nem imaginar uma alternativa coerente a ele”¹¹. Como nos diz uma frase atribuída a Žižek: “é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo”.¹²

Segundo os designers e professores da The New School em Nova York, Anthony Dunne e Fiona Raby:

É difícil dizer quais são os sonhos de hoje; parece que eles foram rebaixados às esperanças - esperança que não nos deixemos extinguir, esperança que possamos alimentar os famintos, esperança que haja espaço para todos nós neste minúsculo planeta. Não há mais visões. Não sabemos como consertar o planeta e garantir nossa sobrevivência. Estamos apenas esperançosos. (2013, p. 1, tradução nossa)¹³

Não temos mais utopias (pelo menos dentro da concepção modernista de utopia), o nosso movimento anti-capitalista é, como nos diz Fisher, apenas uma reação ao capitalismo e não uma nova proposta capaz de fazer frente a ele. O anti-capitalismo é largamente disseminado no capitalismo, essa disseminação é o que permite um estado de interpassividade¹⁴ analisado por Robert Pfaller (FISHER, 2009, p. 12). Ao se performar o anticapitalismo, permite-se que continuemos consumindo impunemente, porém com uma consciência “limpa”.

¹¹ Paráfrase do trecho: " 'capitalist realism': the widespread sense that not only is capitalism the only viable political and economic system, but also that it is now impossible even to imagine a coherent alternative to it" (FISHER, 2009, p. 2).

¹² Esta citação é alternativamente atribuída a Frederick Jameson, sendo reproduzida também em *Speculative everything*, de Dunne e Raby.

¹³ Original: It is hard to say what today's dreams are; it seems they have been downgraded to hopes—hope that we will not allow ourselves to become extinct, hope that we can feed the starving, hope that there will be room for us all on this tiny planet. There are no more visions. We don't know how to fix the planet and ensure our survival. We are just hopeful. (2013, p. 1)

¹⁴ Tradução nossa do termo *Interpassivity*.

Este conceito pode ser percebido em uma das muitas camadas do projeto de Julian Hetzel, *SELF - human soap*¹⁵. A obra do artista alemão propõe a venda de sabão feito a partir de gordura de lipoaspiração para a arrecadação de fundos visando a construção de poços artesianos na República Democrática do Congo. A propaganda dele se baseia no argumento de que gordura seria ganância - é o seu corpo acumulando coisas que não precisa mais - e conseqüentemente gordura seria culpa, afinal tantas pessoas tem tanto e tantas não tem nada. Hetzel defende que a sociedade ocidental tem muito e por isso mesmo precisa de um processo de transformação: transformar culpa em esperança (afinal a renda será revertida para os necessitados). Ao fazer todo esse apelo, Julian mergulha o seu comprador no estado de interpassividade. Ao comprar o sabão, por mais grotesco que seja, o indivíduo está literal e metaforicamente lavando suas mãos da culpa que a Europa possui perante todos os outros países que foram colonizados ao longo de sua história. A ideia que se propaga é a de: “Compre! Você ajudará o outro se fizer isso, olha como você é bacana por estar comprando! Muito bem!”

Em entrevista com o jornalista Jonathan Lethem, do New York Times, o documentarista britânico Adam Curtis sintetiza o paradoxo da atividade radical individual em um ambiente de Realismo Capitalista disseminado:

"O problema é que a ideologia central da nossa época é a ideia de expressão de si [do seu *self*]. [...] Que o *self*, sendo expressivo, é a coisa boa. É o que eu traço em *O Século do Self*¹⁶. Se expressar através de consumismo é central. Então, o dilema para os artistas é que não importa o quão radicais em conteúdo [sejam] as pinturas deles, a arte performática deles, os trabalhos de vídeo deles, o modo no qual eles o estão fazendo - expressão de si [do seu *self*] - alimenta a força da própria coisa que eles estão tentando derrubar, que é o capitalismo de consumo moderno.¹⁷" (CURTIS, apud LETHEM, 2016)

¹⁵ Literalmente, 'SELF - Sabão Humano'.

¹⁶ Título original do documentário: *The Century of the Self*. Episódios 1 'Happiness Machines', 2 'The Engineering of Consent' e 3 'There is a Policeman inside all our heads, He must be destroyed'. Direção de Adam Curtis. BBC, 2002, dur. aprox. 175 min.

¹⁷ Original: "The problem is that the central ideology of our age is the idea of self-expression," he said. "That the self, being expressive, is the good thing. It's what I trace in 'The Century of the Self.' Expressing yourself through consumerism is central. So, the dilemma for artists is that however radical in content their paintings, their performance art, their video works, the mode in which they're doing it

Curtis identifica tais contradições na trajetória de Jane Fonda, mencionada a título de exemplo em seu documentário de 2016, *HyperNormalisation*. Nas palavras de Curtis:

"Fonda é fascinante porque ela é 'radical', e então ela faz a próxima mudança, que é dizer, 'Se você não pode mudar o mundo, você muda a si mesmo, seu corpo.' E ela começa a revolução de VHS com suas fitas de exercício. Então casa com Ted Turner, que não quer analisar as notícias; ele só quer assistir às notícias."¹⁸ (Idem, *Ibidem*)

É interessante à nossa análise adicionarmos a estes conceitos também o termo HiperNormalização, cunhado por Alexei Yurchak:

O antropólogo Alexei Yurchak, em seu livro de 2005, "Everything Was Forever, Until It Was No More: The Last Soviet Generation," argumenta que, durante os últimos dias do comunismo russo, o sistema soviético tinha sido tão bem sucedido em se propagandear, restringindo a consideração de possíveis alternativas, que ninguém dentro da sociedade russa, sejam eles políticos ou jornalistas, acadêmicos ou cidadãos, poderia conceber qualquer coisa além do status quo até que fosse tarde demais para evitar o colapso da velha ordem. O sistema era insustentável; isso era óbvio para qualquer um que esperasse na fila por pão ou gasolina, para qualquer um que lutasse no Afeganistão ou trabalhasse nos corredores do Kremlin. Mas na vida pública oficial, tais pensamentos não foram expressos. O fim da União Soviética era, entre os russos, simultaneamente não surpreendente e imprevisto. Yurchak cunhou o termo "hipernormalização" para descrever esse processo - uma aceitação entrópica e uma crença falsa em uma política claramente quebrada e nos mitos que a sustentam.¹⁹ (HARRIS, 2016)

— self-expression — feeds the strength of the very thing they're trying to overthrow, which is modern consumer capitalism." Optou-se por traduzir o pronome possessivo 'their' por 'deles' (em vez de 'seu/sua', gramaticalmente correto) visando a manutenção da marca de oralidade de uma fala proferida em entrevista e posteriormente reproduzida *ipsis literis* em texto jornalístico escrito.

¹⁸ Original: "Fonda is fascinating because she's 'radical,' and then she does the next shift, which is to say, 'If you can't change the world, you change yourself, your body.' And she kick-starts the VHS revolution with her exercise tapes. Then marries Ted Turner, who doesn't want to analyze the news; he just wants to watch the news."

¹⁹ Original: "The anthropologist Alexei Yurchak, in his 2005 book, 'Everything Was Forever, Until It Was No More: The Last Soviet Generation', argues that, during the final days of Russian communism, the Soviet system had been so successful at propagandizing itself, at restricting the consideration of possible alternatives, that no one within Russian society, be they politicians or journalists, academics or citizens, could conceive of anything but the status quo until it was far too late to avoid the collapse

Adam Curtis se apropria deste termo, que nomeia seu documentário de 2016, para sugerir que estamos vivendo um estado semelhante de desilusão. Neste ponto o realismo capitalista teve seu êxito, está constantemente se propagando como único modelo sócio-econômico viável.

Utopias e os Sonhos

Pensar novas formas de viver, imaginar novas utopias e ousar novos sonhos se torna fundamental e urgente neste cenário. A grande questão é “como?”. Durante muito tempo (antes mesmo da consolidação do capitalismo como o conhecemos) se acreditou nas utopias como forma de sonhar esse novo futuro. Utopias pregavam um lugar ideal onde tudo ocorreria da melhor maneira possível.

Teixeira Coelho (1944-), professor aposentado da Universidade de São Paulo, no livro *O que é Utopia* explica que a imaginação utópica difere da imaginação fantástica-fantasiada, porque:

[A] imaginação necessária à execução daquilo que deve vir a existir não é a imaginação digamos comum, aquela que se alimenta apenas da vontade subjetiva da pessoa e se volta unicamente para seu restrito campo individual, detendo-se exclusivamente para propor coisas como montanhas de ouro. Tem de ser uma imaginação exigente, capaz de prolongar o real existente na direção do futuro, das possibilidades; capaz de antecipar este futuro enquanto projeção de um presente a partir daquilo que neste existe e é passível de ser transformado. Mais: de ser melhorado. (1985, p. 8)

Utopia. Ou-Topia. Ou=não Topos=lugar: o lugar nenhum, em oposição ao lugar em que vivemos, existente. Esse tipo de especulação foi formulado com esse nome pela primeira vez por Thomas Morus (Thomas Moore, ou More, 1478-1535) em 1516 com a publicação de um livro homônimo. No livro, relata-se, a partir da

of the old order. The system was unsustainable; this was obvious to anyone waiting in line for bread or gasoline, to anyone fighting in Afghanistan or working in the halls of the Kremlin. But in official, public life, such thoughts went unexpressed. The end of the Soviet Union was, among Russians, both unsurprising and unforeseen. Yurchak coined the term 'hypernormalization' to describe this process—an entropic acceptance and false belief in a clearly broken polity and the myths that undergird it."

visão de um viajante²⁰, a boa vida dos habitantes da ilha de Utopia assim como seus hábitos e práticas.

Utopia foi um livro que ficou tão famoso que todas as construções de futuros/mundos ideais começaram a ser chamadas assim. Inclusive proposições anteriores à invenção do termo passaram a ser assim rotuladas, como a de Platão em *A República*, onde o filósofo propõe a criação de uma *pólis* ideal (que necessitaria do banimento dos poetas e artistas).

A esta Coleção de Não-lugares podemos adicionar *Héliopolis*, de Ernest Junger; a *Cidade do Sol*, de Tommaso Campanella; *Icária*, de Étienne Cabet; além de cidades como Eldorado e Atlântida, imaginadas por lendas populares, dentre outras.

É importante frisar que quase todas essas proposições são de Utopias Políticas, ou seja, novas realidades a partir de novos arranjos políticos da sociedade. Contudo olhando-as a fundo, boa parte delas propõe uma sociedade estática²¹, estratificada²² e autoritária²³:

É relativamente fácil sentir que os habitantes dessas sociedades, ou de grande parte delas, apresentam-se na verdade como meros fantoches, como personagens sem vida, autômatos (COELHO, 1985, p. 41)

Essa tendência autoritária em algumas utopias vai abrir espaço para que escritores pensem futuros não tão idealizados assim, futuros amedrontadores, desumanizados, onde estados totalitários e abusivos controlam a população: vigilância, estratificação e tortura são comuns. Esses futuros são chamados de Distopias (contra-utopias) e vão ser marcados por obras como *1984*, de George Orwell e *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley. Em oposição à Distopia, vai operar a Eutopia, o lugar bom.

²⁰ A figura do viajante e de novas terras ultramar estavam em alta na época: há pouco começara a época das grandes navegações. A “descoberta” do Brasil havia se dado 16 anos antes da publicação do livro.

²¹ É compreensível o pensamento de que, ao se chegar no formato perfeito de sociedade, não haveria motivos para mudanças. Contudo, conhecimentos antropológicos e sociológicos atuais mostram que nada permanece imutável e que criar um espaço que não prevê ou que não dá margem à mudança acaba por criar uma concha vazia. Em nosso ver é o que aconteceu com Brasília, por exemplo. Não significa que esta concha vazia não possa ser ocupada, mas para tanto é necessário um novo pensamento que a preencha.

²² As castas sociais são bem marcadas n'*A República*, que propõe uma sofocracia, regime em que os sábios e eruditos governam.

²³ É comum a ideia de eliminar ou banir o indivíduo/cidadão que desvie da proposta utópica.

Teixeira Coelho nos aponta que antes da revolução francesa as utopias eram em certa medida conformistas com o *status quo*, elas propunham futuros ucrônicos, que raramente especificavam como se teria chegado até este momento. Após 5 de maio de 1789 o ideal utópico passa a operar dentro de outra categoria: a revolucionária, o sonho utópico passa a ser algo possível de ser alcançado.

Façamos então um salto temporal.

Estamos em pleno século XXI, os projetos revolucionários sucumbiram, assim como o muro de Berlim, vivemos o capitalismo tardio que, se utilizando do Realismo Capitalista, faz com que permaneçamos sem esperança de uma real mudança. Como voltar a sonhar e deixarmos de ser apenas esperançosos?

Especulação e Design Especulativo como retomada das rédeas

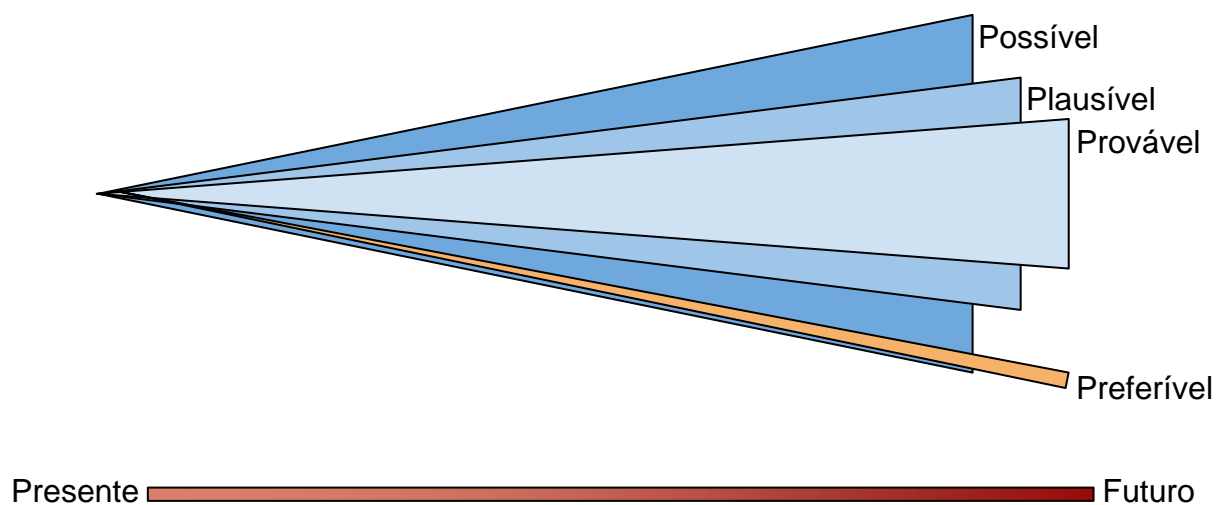


Figura 5: Diagrama Cones de Futuro. Acervo Nosso

Anthony Dunne (1964-) e Fiona Raby (1963 -) são designers e professores universitários, que atualmente lecionam na Parsons School of Design. A dupla escreveu em 2013 o livro *Speculative Everything: Design, Fiction, and Social Dreaming*, onde propõe bases para o design crítico, conceitual e especulativo. Neste livro, os autores defendem a especulação (ou o design especulativo) como ferramenta necessária para se repensar o mundo em que vivemos:

À medida que avançamos rapidamente em direção a uma monocultura que torna quase impossível a imaginação de alternativas genuínas, precisamos experimentar maneiras de desenvolver visões

de mundo novas e distintas que incluam crenças, valores, ideais, esperanças e medos diferentes dos de hoje. Se nossos sistemas de crenças e ideias não mudarem, a realidade também não mudará. É nossa esperança que a especulação através do design nos permita desenvolver imaginários sociais alternativos que abrem novas perspectivas sobre os desafios que enfrentamos. (DUNNE & RABY, p.189, Tradução nossa)²⁴

Através de uma série de ferramentas (extrapolação, cones de futuros, “e se”, *reductio ad absurdum*, coordenadas políticas, entre outros) eles trazem possibilidades de se visualizar novos cenários para além das utopias tradicionais. O ato de especular sobre uma realidade, sobre uma ação ou um objeto nos permitiria pensar nas consequências antes delas acontecerem, contudo, muitas vezes podemos nos deparar com um final sem soluções ou respostas, mas para isso eles acrescentam:

Acreditamos que até as alternativas não viáveis, desde que imaginativas, são valiosas e servem de inspiração para imaginar as próprias opções. [...] O design especulativo contribui para a releitura não apenas da realidade em si, mas também de nossa relação com a realidade. (DUNNE & RABY, p.161, Tradução nossa)²⁵

Pensar o modo como as coisas poderiam ser ou como elas deveriam aparentar se associa facilmente ao design - que se propõe a resolver soluções - porém, sob esta perspectiva queremos ir além e atribuir essas funções também à arte contemporânea.

Para isso, entretanto, devemos fazê-la transdisciplinar e plurifacetada. A arte deve abraçar as outras áreas do conhecimento e proporcionar novos diálogos, assim como estar aberta às novas situações que irão emergir destes contatos.

Dois exemplos dessa abertura da arte contemporânea para pensar o futuro são o Museu do Amanhã²⁶ e a exposição Museu dos Futuros Possíveis²⁷. Estes dois trazem em seu cerne mais perguntas do que respostas.

²⁴ Original: As we rapidly move toward a monoculture that makes imagining genuine alternatives almost impossible, we need to experiment with ways of developing new and distinctive worldviews that include different beliefs, values, ideals, hopes, and fears from today's. If our belief systems and ideas don't change, then reality won't change either. It is our hope that speculating through design will allow us to develop alternative social imaginaries that open new perspectives on the challenges facing us.

²⁵ Original: We believe that even nonviable alternatives, as long as they are imaginative, are valuable and serve as inspiration to imagine one's own alternatives. [...] Speculative design contributes to the reimagining not only of reality itself but also our relationship to reality.

²⁶ O Museu do Amanhã é um museu de ciências aplicadas localizado no Rio de Janeiro.

O Museu do Amanhã, apesar de ser um museu de ciências aplicadas, pode ser visto como uma prática científica que caminha em direção à arte: a arquitetura, os espaços e as estruturas expositivas se utilizam dos sentidos do visitante para tornar latentes as perguntas que guiam a expografia - De onde viemos? Quem somos? Onde estamos? Para onde vamos? e Como queremos ir?

Sobretudo a questão “Como queremos ir?” é a que se destaca quando pensamos em futuros alternativos. Ela se conecta diretamente com a proposição especulativa de se imaginar novas realidades através de novos sonhos coletivos²⁸.

A exposição Museu dos Futuros Possíveis por sua vez buscou através de uma série de obras de artistas contemporâneos, que trabalham na intersecção de arte e tecnologia, fazer questões à ciência. No material gráfico distribuído, as questões levantadas beiravam a especulação, a distopia, a utopia e a ficção: destacamos as obras de: *Gabriela Bilá - Mundo mosaico*, Se o teletransporte existisse, os encontros ao acaso seriam impossíveis?; *Eduardo Kac - Plantimal*, Você escolheria os genes dos seus filhos?; *Gisela Motta e Leandro Lima - Memória coletiva*, É possível estar sozinho cercado de muitas pessoas?; *Camila Sposati - Nucleações*, O que fazer quando os recursos do planeta se esgotarem?; *Pedro França - Everstory mercadoria*, Quem está vigiando enquanto estamos vivendo?

Todas essas questões estão latentes, esperando desdobramentos para que possam modelar nossas especulações e nossas novas utopias. Devemos acatar o complexo e o maleável para que não caiamos novamente no erro de pensar futuros estáticos.

²⁷ A exposição Museu dos futuros Possíveis foi organizada pelo Instituto Tomie Ohtake para a Olimpíada de Conhecimento 2018, que aconteceu em Brasília entre 5 e 8 de agosto de 2018.

²⁸ Traduzimos aqui Social Dreaming como Sonhos Coletivos.

1. Encontre um trecho da galeria/museu/etc com baixa ou nenhuma vigilância;
2. Instale sua obra (ou não-obra). Pontos extras para um bom diálogo com a curadoria;
3. Aprecie.

Mentira como Realidade (Poética) ou Elogio À Mentira

Para se pensar novos futuros, temos de ser capazes de observar com outros olhos o mundo que nos cerca. A mentira aparece como forma de trocar nossas lentes convencionais pelas quais observamos o Real.

Existem infinitas maneiras de se contar mentiras (trocando informações, escondendo/ocultando trechos, inventando histórias, falseando ou tornando verdade fatos); existem também, diversas finalidades para as quais alguém desejaria contá-las (se proteger, ter vantagem sobre o outro, querer ocultar algo, querer enganar o outro). Contudo a estrutura lógica dela é a mesma em todos os casos: o locutor (quem deseja mentir) compreende a linha de comunicação (canal) com o receptor (quem será enganado) e reproduz dentro dessa linha a informação mentirosa.

Quanto mais nos conformes da comunicação padrão, mesmo que isto signifique erros propositais como percebeu Peter Hill (2000, p. 58) em seu doutorado, maior a chance de êxito. Quem pensa que essa estrutura lógica é invenção humana erra. Ela se baseia na relação ecológica da mimese e já existia muito antes dos primeiros humanos.

O *Mimetismo* é uma estratégia Ecológica, que tem por objetivo fazer um ser vivo se passar por outro com intenção de obter alguma vantagem (seja se protegendo contra predadores, capturando presas, ou com finalidades reprodutivas).

Quando analisamos pela Biologia, o mimetismo se insere nas Relações Harmônicas Interespecíficas (entre diferentes espécies), pois é consiste de uma espécie, animal ou vegetal, que imita outra. Contudo, levando para o campo social, a mimese pode ser utilizada como tática de inserção em diferentes grupos humanos (dentro da mesma espécie) e sistemas dentro da própria sociedade.

A “Inserção em Circuitos Ideológicos” é uma consequência da mimese social: no momento em que algo ou alguém se apresenta como outra coisa em ambientes sociais e circuitos codificados, isso passa a fazer parte do sistema ao qual se referencia.

[...] as "Inserções em circuitos ideológicos" nasceram da necessidade de se criar um sistema de circulação, de troca de informações, que não dependesse de nenhum tipo de controle centralizado. Uma língua. Um sistema que, na essência, se opusesse ao da imprensa,

do rádio, da televisão, exemplos típicos de media que atingem de fato um público imenso [...] (MEIRELES, 1970)

Ao percebermos que para mentir é preciso compreender o processo comunicacional de símbolos e códigos - em modos gerais uma mentira tende a ser mais eficaz quanto maior for o conhecimento sobre o assunto de que se trata - apenas alguém que conhece muito bem (ou pelo menos mais que seu interlocutor) pode evitar deslizes ou furos que deem brechas para que a verdade seja descoberta. Podemos afirmar então que o bom mentiroso é necessariamente sábio. Tal afirmação surge em um diálogo de Sócrates com Hípias em que aquele faz a seguinte pergunta:

[...] Hípias, me responda de maneira nobre e magnânima: se alguém lhe perguntasse quanto é setecentos vezes três, você - *querendo mentir e jamais responder a verdade* - é quem mais poderia mentir e sempre dizer, em relação às mesmas coisas, mentiras a seu respeito, ou um ignorante em cálculo seria capaz de mentir mais que você, que queria mentir? O ignorante, querendo dizer mentiras, poderia muitas vezes dizer *involuntariamente a verdade* - por um acaso, pelo fato de não saber - enquanto você, o sábio, se quisesse mentir, poderia mentir sempre sobre as mesmas coisas, não? (PLATÃO, 2016, p. 65)

O diálogo prossegue com Hípias tentando mostrar que apesar de Sócrates ter certa razão no que diz respeito a afirmação anterior, a mentira é algo vulgar, indecente e antiético.

Tendo essas relações em mente, foi produzida em 2018 a obra *Como ser uma obra de Arte Contemporânea e não ser Vista*²⁹. O trabalho propõe uma série de passos para uma mimese institucional, os quais ele próprio aplica de modo metalinguístico ao se inserir no espaço expositivo.

As Mentiras, ao contrário do que se pensa, nos contam possibilidades de tudo aquilo que o nosso mundo atual poderia ter sido, criam novos mundos e novas

²⁹ Ela será trabalhada mais a frente na terceira parte deste texto.

realidades, despertam a imaginação e acima de tudo, reinventam. A mentira brinca com a realidade, tecendo e desenhando o que deseja.

Cecilia Mori defende em sua tese de doutorado (dividida em seis partes) a Cabine de Mentira, lugar onde a mentira atuaria como verdade poética, onde a mentira seria sobretudo uma virtude

[...] a Cabine da Mentira propõe a mentira como verdade poética. Que defende a mentira como virtude – no lugar da verdade –, para, por fim, defender a arte mentirosa como método libertário para a vida. Dessa forma, associa a arte com a mentira na produção atual para compreendê-las como princípio moral e ético para além da arte, para, inclusive, atuais postulações lógicas e científicas. (2014a, p.12-13)

Corroborando com essa visão temos Fabio Oliveira Nunes em seu livro *Mentira de Artista* argumentando que:

Do ponto de vista moral, é difícil defender a mentira, se pensarmos no seu alcance mais amplo como regra moral ou social. Do ponto de vista extra moral, talvez seja mais aceitável [...] porque por esse viés podemos pensar a mentira como força poética [...]. (2016, p. 9)

Mas, infelizmente, a nossa sociedade tornou proibido: ser o que não se é (vide falsidade ideológica Artigo 299 do Decreto Lei nº 2.848)³⁰; falsificar coisas (Art. 297 do Código Penal - Decreto Lei 2848/40 e Art. 184 do Código Penal - Decreto Lei 2848/40); forjar objetos que não são aquilo que eles prometem ser (bom, para este não encontramos nenhuma lei específica, mas você pode ser denunciado no Procon); deixando apenas um pequeno campo onde isso poderia acontecer: a Arte.

A arte ganhou liberdade poética para criar os mundos que quisesse criar, falsificar o que quisesse falsificar (aqui ainda opera-se com muitas limitações, há uma discussão mais extensa sobre a falsificação de obras artísticas, na qual não nos aprofundaremos por necessidade de concisão) e ser quem quisesse ser (vemos muito isso através das personas de artistas). Dessa forma, se utilizando de expressões como: representar, copiar a realidade, antropofagia, poética, heterônimos etc. a Arte, buscou se diferenciar da mentira, deixando-a como algo

³⁰ Há uma discussão se formando em torno do uso de pseudônimos. Se eles poderiam, em um trabalho acadêmico, serem considerados um ato de falsidade ideológica.

inferior, algo utilizado apenas pelas pessoas vis da sociedade, ignorando (camuflando?) o fato de que a Mentira³¹ é uma das bases principais da Arte.

Mori por fim sintetiza o pensamento que trabalhamos até aqui:

Coleções para se construir utopias. Colecionar utopias para criar museus imaginários. Museus que se perdem no tempo. No tempo da fantasia e no tempo que a fantasia se choca com a realidade. No tempo da verdade poética para se colecionar utopias. (2014d, p. 61)

A mentira nos serve para pensarmos novas utopias, mas como ir mais além?

³¹ O que seriam a ilusão de tridimensionalidade, a imitação do natural, a representação pictórica e simbólica entre outros, se não diferentes formas de mentira?

Prescrição médica:

20mg de Real diariamente

1 cápsula de delírio por semana*

*Atenção! Delírio pode ser extremamente viciante. Efeitos colaterais do uso em excesso: alienação e desconexão com a realidade

‘Patafísica: a filha de uma cefalurgia entre o riso, a mentira, o absurdo, o singular e um babuíno rosa.

“Possivelmente esse trecho deveria ser obliterado do texto final”, concordaram autor, editor e tradutor. Mas patafísicamente concordaram que esse trecho deveria por isso mesmo ser mantido. (MESMO, Eu. 2019, esta página)

Definir a ‘patafísica é uma ação contraditória, afinal tentar compreendê-la é perder seu significado, ainda assim faremos um esforço em introduzir a temática ao leitor pelas definições atribuídas por seu fundador: Alfred Jarry.

Alfred Jarry (1873-1907) foi escritor e dramaturgo francês na virada do século XIX para o XX, suas obras mais influentes foram as peças do Ubu (*Ubu Roi*, *Ubu Cocu* e *Ubu enchaîné*) e o livro *Gestes et opinions du docteur Faustroll, pataphysicien* (Artimanhas e opiniões do Doutor Faustroll, patafísico). Seus textos influenciaram diversos movimentos artísticos, como o Dadaísmo, o Surrealismo e o Situacionismo assim como também movimentos literários, por exemplo, o Oulipo.

Observemos as definições dadas à ‘patafísica por Alfred Jarry em *Artimanhas e opiniões do Doutor Faustroll, patafísico*³²:

1. [‘Patafísica] é a ciência daquilo que é superinduzido sobre a Metafísica, seja dentro ou além das últimas limitações, estendendo-se quão além a Metafísica se estende como a última extensão além da Física.
2. [...] Patafísica será, acima de tudo, a ciência do particular.
3. A Patafísica irá examinar as leis que governam as exceções, e irá explicar o universo suplementar a este.
4. DEFINIÇÃO. A Patafísica é a ciência de soluções imaginárias, que atribui simbolicamente às propriedades dos objetos, descritos por sua virtualidade, os seus contornos.
5. Patafísica é a ciência...³³

³² Adotamos aqui a tradução livre de Guilherme Trucco. Disponível em: <<https://www.guilhermetrucco.com/downloads>>

³³ Original: [‘pataphysics] is the science of that which is superinduced upon metaphysics, whether within or beyond the latter's limitations, extending as far beyond metaphysics as the latter extends beyond physics. (p.21)

O 'patafísico Andrew Hugill, em seu livro *'Pataphysics - a useless guide*, também tenta destrinchar a 'patafísica:

Para alguns, a patafísica é um peido cósmico, uma última farsa, uma brincadeira de menino de escola, um disparate estridente; para outros, é uma atitude mental, um modo de vida, uma disciplina, uma doutrina, uma religião profundamente irônica. É profundamente inútil ou, como os patafísicos preferem dizer, *inutilius*, consegue, no entanto, informar e influenciar o mundo.(2015, p. 1)³⁴

Uma explicação adaptada a partir de ideias deste mesmo livro de Hugill, que explicita bem a relação entre patafísica, metafísica e física é a seguinte:

A física afirma: o seu copo está cheio de vinho;

A metafísica por sua vez apontará: se você tivesse um copo ele poderia estar cheio de vinho;

Contudo a patafísica é soberana: você não tem um copo e ele está cheio de vinho.

[...] pataphysics will be, above all, the science of the particular. (p. 21)

Pataphysics will examine the laws governing exceptions, and will explain the universe supplementary to this one. (p.21)

DEFINITION. Pataphysics is the science of imaginary solutions, which symbolically attributes the properties of objects, described by their virtuality, to their lineaments. (p. 22)

Pataphysics is the science... (p. 114)

³⁴ Original: For some, pataphysics is a cosmic fart, an ultimate spoof, a schoolboy prank, a raucous piece of nonsense; for others it is an attitude of mind, a way of life, a discipline, a doctrine, a deeply ironic religion, even. It is profoundly useless or, as pataphysicians prefer to say *inutilius*, but nevertheless manages to inform and inflect the world.

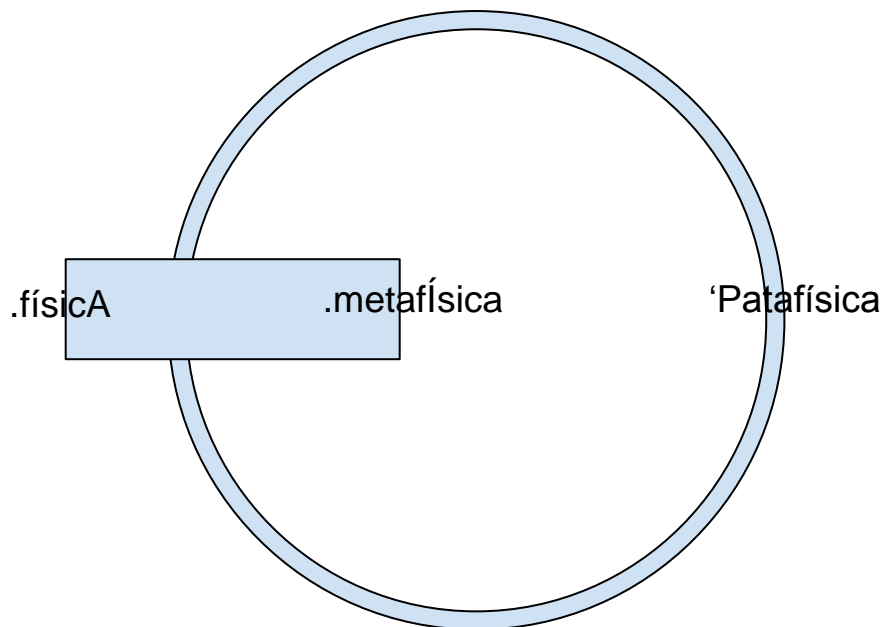


Figura 6: Diagrama Física, Metafísica e Patafísica. Acervo nosso

Propomos o seguinte diagrama numa tentativa de (não) explicar a nossa ciência. Ele se baseia no conceito largamente difundido entre os 'patafísicos de que "a patafísica está para a metafísica, assim como esta para a física. Em todas as direções possíveis".

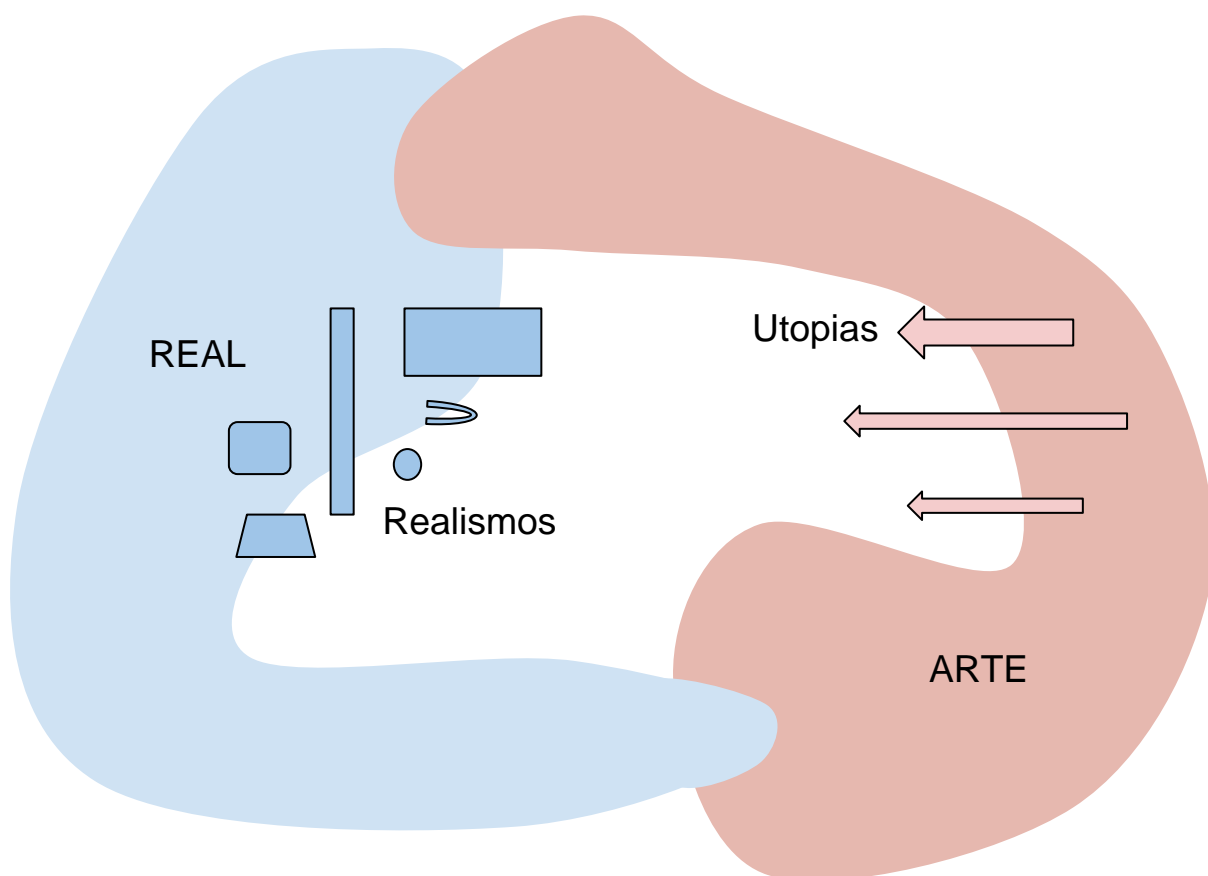


Figura 7: Diagrama Arte-Real de interações. Acervo Nosso

[Pausa na leitura para beber um copo d'água]³⁵

³⁵ Este é um aviso extremamente importante para casos extremos no qual o leitor não tenha ainda ingerido água desde o início da leitura desse texto. Sabemos como a escrita pode ser cativante e por isso recomendamos que se este é o primeiro **copo que toma**, retorne 20 páginas e trate de beber mais água. Fique hidratado.

Obs.: recomendamos não levar a expressão “beber um copo” ao pé da letra. Copos comumente são feitos de vidro, e para bebê-los é necessário que estejam em estado líquido. O vidro atinge o estado líquido por volta dos 1.500 °C. Nessa temperatura podem provocar machucados sérios na língua e no trato digestivo.

PARTE 2
Artistas.jpeg

Essas ambigüidades, redundâncias e deficiências lembram aquelas que o doutor Franz Kuhn atribui a certa enciclopédia chinesa intitulada Empório Celestial de Conhecimentos Benévolos. Em suas remotas páginas consta que os animais se dividem em (a) pertencentes ao Imperador, (b) embalsamados, (c) amestrados, (d) leitões, (e) sereias, (f) fabulosos, (g) cães soltos, (h) incluídos nesta classificação, (i) que se agitam como loucos, (j) inumeráveis (k) desenhados com um finíssimo pincel de pêlo de camelo, (l) etcétera, (m) que acabam de quebrar o vaso, (n) que de longe parecem moscas. (BORGES. 2007, p. 124.)

Sobre nossa proposta de Classificação

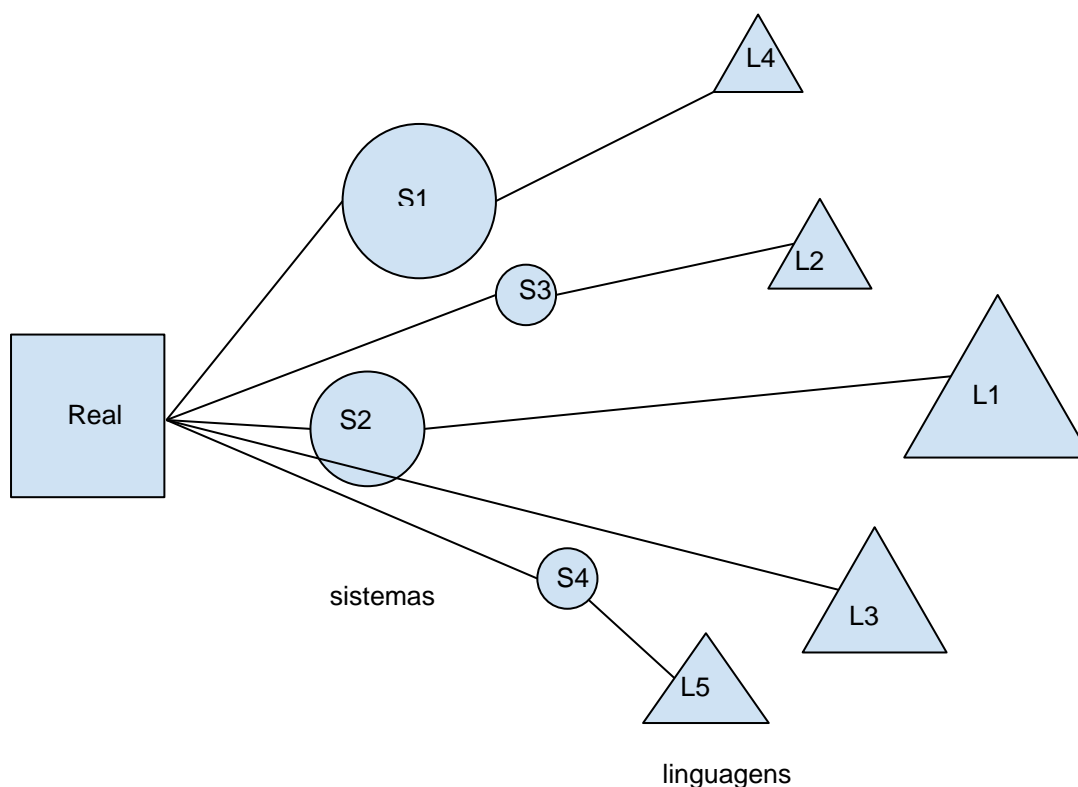


Figura 8: Diagrama Real-sistemas-linguagens. Acervo nosso

A partir do referencial teórico desenvolvido na primeira parte, gostaríamos agora de analisar quatro estruturas que atuam dentro dessa intersecção de Arte-Ficção-Especulação propostas por nós e identificadas no trabalho de diferentes artistas modernos e contemporâneos. Não pretendemos com essa formulação esgotar o assunto ou apresentar o Estado da Arte, mas sim, mostrar meios pelos quais é possível analisar essas ações artísticas, por vezes distantes temporal e espacialmente. Esse modelo foi pensado por nos permitir observar as diferentes intersecções da ficção com o real.

Nossa formulação consiste das seguintes categorias: O jogo com a Linguagem, o jogo de Sistema, o jogo com Sistemas e o jogo de Especular. Esta separação se dá a partir de diferentes efeitos da ficção sobre o real.

Propomos a ideia de divisão categórica baseada no conceito de jogo tendo em mente a formulação de Huizinga na sua obra *Homo Ludens* de que jogo se constitui de uma parte séria, e uma parte lúdica - ele consegue criar uma própria

realidade em torno de si³⁶. Assim como o jogo, as ficções que aqui analisamos ora se portam como uma brincadeira, ora como uma provocação do real.

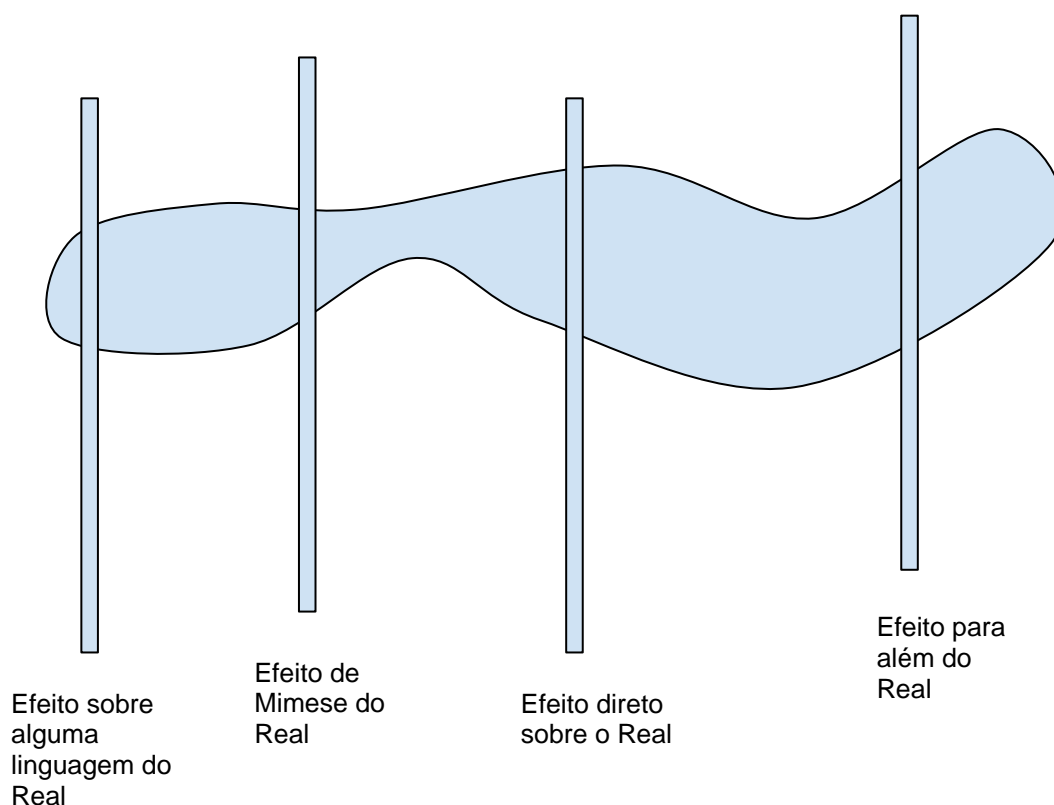


Figura 9: Diagrama das classificações. Acervo nosso

O jogo com a Linguagem ou isto não é arte: Duchamp, Magritte e Broodthaers

A primeira categoria é fundada no efeito sobre a linguagem. É o primeiro contato da Arte moderna/contemporânea³⁷ com a ficção para além do *trompe l'oeil*, da *mimesis* e do pensamento fantástico. É uma ruptura promovida por Duchamp, Magritte e Broodthaers, cada um ao seu modo.

Marcel Duchamp (1887-1968), foi pintor, artista e enxadrista, inventor do *ready-made* e tido como um dos mais influentes artistas dadaístas de seu tempo. As suas obras estabeleceram novos parâmetros para a arte conceitual e a arte contemporânea. Duchamp foi um forte crítico da Arte retiniana, uma arte cujo intuito

³⁶ O autor desenvolve este pensamento ao longo do primeiro capítulo: *Natureza e significado do Jogo como Fenômeno Cultural*.

³⁷ Os três artistas estão alocados na transição da arte moderna para a arte contemporânea, sendo eles muitas vezes tratados como modernos.

era satisfazer a vista/ o olhar/ a retina. Ele defendia uma arte que levasse o espectador a confrontar algo novo. Duchamp vai além dos fundamentos da linguagem visual, para buscar no sistema de validação artístico (*A fonte*), na inter-relação entre a imagem e a palavra (*L.H.O.O.Q.*) e na representação simbólica (*50 cc of Paris Air*) sua matéria prima.

René Magritte (1898-1967) era ligado ao movimento Surrealista Belga, sendo o mais conhecido do grupo composto por artistas como Paul Delvaux, Camille Goemans e Marcel Lecomte. Sua obra, em geral, mistura um aspecto formal realista com auras irrealistas, muitas vezes se utilizando da figura metalinguística. A sua pintura *A traição das imagens* consiste de uma imagem de um cachimbo acompanhada pela inscrição *Ceci n'est pas une pipe* (ou, em português, Isto não é um cachimbo), de forma a brincar com nosso senso de representação.

Marcel Broodthaers (1924-1976) foi em seu tempo um poeta, cineasta e artista visual belga, para quem a palavra sempre foi um fator marcante em seu trabalho. É inevitável estabelecer um comparativo entre a produção de Broodthaers e Magritte, uma vez que os usos da linguagem por ambos se assemelham muito. Assim como em *A Traição das imagens*, Broodthaers em sua obra *Musée d'Art Moderne, Département des Aigles*³⁸, de 1968, se utiliza de plaquinhas, dispostas perto dos objetos, pinturas e posters temáticos sobre águias, onde se lê: Isto não é arte.

O jogo com a linguagem promove uma ação de questionar o sistema sógnico e a relação que este estabelece com a nossa própria interpretação do mundo. Ao ouvir/ler “elefante rosa com bolinhas amarelas usando calça de camurça” é inevitável a produção de uma imagem mental no receptor. Duchamp brinca com o sistema sógnico em *A Fonte* se utilizando da ideia mcluhaniana de que o meio é a mensagem - ao colocar um objeto não artístico em um ambiente ou instituição que o valide, o objeto passa a ser interpretado como sendo artístico³⁹. Magritte atua de outra forma. Em *A traição das imagens*, o artista enfatiza que a imagem não passa de uma imagem, ela jamais será o objeto em si, daí a afirmação “isto não é um cachimbo”, mesmo quando o nosso sistema simbólico insiste em afirmar o

³⁸ Tradução: Museu de Arte Moderna, Departamento das Águias.

³⁹ Em 2016 um jovem de 17 anos agiu da mesma forma ao colocar um óculos no chão de uma exposição do Museu de Arte Moderna de São Francisco (EUA). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/05/1775290-oculos-deixados-no-chao-de-museu-nos-eua-sao-confundidos-com-obra-de-arte.shtml>> Acesso em 21/05/2019.

contrário⁴⁰, por fim Broodthaers é capaz de misturar ambos e, ao mesmo tempo que nega a natureza artística do objeto (com a linguagem), ele a reafirma por meio de exposição do trabalho.

O jogo de Sistemas: Peter Hill, Tim Ingold e Ruth Sousa

Nossa segunda categoria propõe um olhar mimético para os sistemas que operam no real. Os artistas aqui citados trabalham colocando em prática instituições inventadas que imitam o funcionamento de instituições reais.

Peter Hill propõe o termo *superficção* para estas ações. As *superficções* seriam os trabalhos que habitam a lacuna entre a ficção literária e a ficção pictórica. O autor afirma, em seu doutorado *Superfictions: the creation of fictional situations in international contemporary art practice*:

"O que acontece quando a ilusão escapa da moldura e a ficção escapa das páginas do romance?" Isso é quase imediatamente seguido por uma questão de classificação: "O híbrido resultante deve ser classificado como uma *superficção*".(2000, p.12, tradução nossa)⁴¹

Contudo, concordamos com a reformulação que Ruth Sousa faz do termo em *MADEUP MEMORIES CORP. A ficção como estratégia na construção de Lembranças Inventadas*:

Peter Hill, ao invés de utilizar o termo "ficção", adota o termo "superficção" para distinguir as ficções visuais. Aquele autor também divide as "superficções" em duas principais categorias, a saber: aquelas que são verossímeis com relação à realidade cotidiana e aquelas que seguem regras próprias e independentes do real. O campo de interesse do presente projeto é o das ficções verossímeis que podem se fundir à realidade.

Todavia, o presente texto, ao invés de adotar o termo "superficção" no sentido utilizado por Hill, fez-se aqui o uso do termo "ficção" para tratar de obras de Artes Visuais ficcionais, e o termo "superficção" para tratar de obras fictícias que criam não apenas imagens, mas uma complexa estrutura de funcionamento para comportá-la. (2013, p. 5)

⁴⁰ Outra obra que retrabalha esse tema é *One and three Chairs* (1965), de Joseph Kosuth.

⁴¹ Original: 'What happens when illusion slips out of the picture frame and fiction escapes from the pages of the novel?' This is almost immediately followed by a question of classification: 'Should the resulting hybrid be classified as a 'superfiction'.

Dentro desses conceitos, Peter Hill, artista, escritor e professor universitário propõe o *Museum of Contemporary Ideas*, que existe apenas através de sua assessoria de imprensa, sendo divulgado como o maior museu existente da atualidade.

Em 1982, o artista suíço Tim Ingold funda a *Ingold Airlines*, apresentando estratégias de marketing, escritórios, site institucional e até vídeos promocionais com aeronaves da empresa. A obra se aperfeiçoa ao longo do tempo a ponto de participar de feiras da área.

Ruth Sousa, artista plástica e professora adjunta no Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília, propôs o *Made Up Memories Corp.* uma empresa especializada em criar lembranças e memórias. Na página inicial do site⁴² do projeto é possível encontrar a seguinte descrição:

Somos uma empresa com prerrogativas únicas no mercado, nos especializamos na criação de lembranças. Por meio de uma rigorosa metodologia, produzimos evidências de memórias, que são indistinguíveis de qualquer outra vivida ou ainda por acontecer. Desta maneira se torna possível acessar, por nossos produtos, o que poderia ter sido, o que não foi, ou mesmo, o que seria impossível de acontecer.

A empresa opera por meio da validação das memórias inventadas através de objetos/fotos que comprovam que algo aconteceu, relatos escritos e carimbos oficiais de cartórios. Ela atende como qualquer empresa de entrega de serviços/produtos sob demanda.

Tal jogo de sistemas tem por base fundamental dar um passo além da categoria descrita anteriormente. Ele pressupõe o uso de diversas linguagens sígnicas e simbólicas para que seja possível imitar a nossa concepção do que compõe um sistema. A partir desta *mímesis* sistêmica é possível criar espaços que operem dentro das nossas expectativas; aí reside o segredo dos trabalhos destes artistas.

⁴² Disponível no endereço: <<https://www.madeupmemoriescorp.com.br/>>

O jogo com Sistemas: N099, Luiza Crosman e Orson Welles

Os trabalhos apresentados aqui se diferem da categoria anterior não por atuarem no campo de mimetizar sistemas e suas formas de funcionamento, mas por funcionem dentro de sistemas já conhecidos, operando muitas vezes no limiar. A consequência disso é que muitas organizações e estruturas sócio-culturais tidas como estáticas e naturais são explicitadas e revisitadas após o contato com tais obras.

NO99, é um teatro/grupo teatral localizado em Tallinn, na Estônia e dirigido por Tiit Ojasoo e Ene-Liis Semper. A ideia original era a de se fazer 99 peças/filmes/produções teatrais iniciando no 99 e indo em contagem regressiva. Eles já funcionam há 10 anos e atualmente já estão com a peça nº30. Foi este grupo que organizou o trabalho que ganhou o prêmio máximo da Quadrienal de Praga, como mencionamos no início do texto. A proposta do *Unified Estonia* se encaixa nesta categoria por buscar atuar *dentro* do sistema político estoniano.

Luiza Crosman (1987 -), nascida no Rio de Janeiro e atualmente residindo em São Paulo, produz obras especulativas tomando conceitos das teorias das mídias e do design contemporâneo. Através de desenhos, instalações, educação e intervenções estratégicas operacionais, a artista investiga megaestruturas pensadas planetariamente. Na 33ª Bienal de São Paulo, Luiza apresentou o projeto *TRAMA*, onde se utiliza da estrutura institucional para, através de uma instalação artística, minerar criptomoedas que serão utilizadas para patrocinar outra exposição. A artista promove uma redistribuição da comissão recebida para o projeto; além de fazer o valor monetário se multiplicar através das placas solares, ela promove traduções de teóricos para acesso gratuito.

No seu website⁴³ é possível encontrar a descrição do projeto:

Uma peça sonora conta a história de aves autônomas de bioengenharia que colaboram com humanos na construção de uma infra-estrutura de grande escala. A criptomoeda Ethereum é extraída através da energia solar. Uma bienal se transforma em um agente editorial para tradução de textos teóricos. Desenhos e diagramas propõem diferentes dimensões da informação espacial. Uma instalação de arte funciona como um feitiço. *TRAMA* é uma narrativa distribuída e intervenção na dinâmica institucional. É uma proposta

⁴³ Disponível em: <<https://luizacrosman.com/TRAMA>> Acesso em 05/07/2019

especulativa e estratégica para a Fundação Bienal de São Paulo, através da 33ª Bienal de São Paulo, “Afinidades Afetivas”. O projeto abrange desde áudio, diagramas, texto, até uma instalação no espaço e mudanças nos protocolos dentro da própria instituição. (tradução nossa)⁴⁴

Orson Welles (1915-1985) foi um diretor, escritor, produtor e ator estadunidense, conhecido principalmente pelo seu filme *Cidadão Kane*. Ele também dirigiu e atuou no filme *F for Fake* no qual, através de algumas linhas narrativas (o falsário Elmyr de Hory, o escritor biógrafo Clifford Irvin, o milionário Howard Hughes, a atriz Oja Kodar) leva o espectador a se questionar sobre as relações entre o original e a cópia, e entre realidade e farsa.

Além do filme, há uma obra radiofônica que também pode ser vista como marco fundamental para se pensar a ficção contemporaneamente. *Guerra dos Mundos* foi ao ar em 30 de outubro de 1938, quando a emissora CBS, em uma apresentação às vésperas do Halloween, convidou Welles para que este fizesse uma adaptação do livro de Herbert George Wells para o rádio. O convidado então se utilizou de toda a estrutura radiofônica para intercalar os momentos narrativos com interrupções ao vivo dos repórteres dando as últimas informações sobre a invasão alienígena que estava a ocorrer. Muitas pessoas que sintonizam a estação depois do anúncio de que se tratava de uma representação da obra, acreditaram de fato que os Estados Unidos estavam sendo atacado por alienígenas.

Fábio Oliveira Nunes comenta o caso:

A transmissão de A Guerra dos Mundos causou telefonemas desesperados para a polícia, grupos saíndo armados em busca dos extraterrestres e medo generalizado em algumas regiões. Alguns ouvintes diziam ter avistado alienígenas, outros teriam sentido o cheiro do gás venenoso: chegou-se a crer em uma associação entre os invasores e Adolf Hitler. Depois do ocorrido, Welles e H. G. Wells

⁴⁴ Original: A sound piece tells the story of bioengineered autonomous birds collaborating with humans in the construction of a large scale infrastructure. Ethereum cryptocurrency is mined through solar energy. A biennial turns into an editorial agent for translation of theoretical texts. Drawings and diagrams propose different dimensions of spatial information. An art installation acts as a spell. TRAMA is a distributed narrative and intervention on institutional dynamics. It is a speculative and strategic proposition to the São Paulo Biennial Foundation through the 33rd São Paulo Biennial exhibition “Affective Affinities”. The project spans from audio, diagrams, text to an installation in space and change in protocols within the institution itself.

(que não havia autorizado a adaptação) foram alvos de ações judiciais, entretanto não sofreram derrotas nos tribunais. (2016, p. 24)

Todos estes trabalhos comentados se instalam dentro das diversas instituições do nosso mundo real e propõem mudanças sistêmicas a partir de dentro. Estas obras acabam por expor o funcionamento destes sistemas e explicitar seus mecanismos e vícios.

O jogo de Especular: Isabella Brandalise e Gabriela Bilá

Esta última categoria é composta por trabalhos que se propõem a imaginar realidades alternativas, ou ainda subjacentes a esta, através da especulação. É um exercício de pensar consequências de desdobramentos das nossas ações ou de desenvolvimentos institucionais e tecnológicos.

Isabella Brandalise é mestre (MFA) em Design Transdisciplinar pela Parsons School of Design, The New School, e em Arte, na linha de Arte e Tecnologia da Universidade de Brasília (UnB). Tem atuado como consultora local do laboratório dinamarquês MindLab na parceria com o GNova, laboratório de inovação do governo brasileiro. Desenvolveu em seu mestrado a obra *STOPD: Subcommittee of temporary operations and public dissent*⁴⁵. O subcomitê do *Department of community affairs* seria responsável por cuidar de todas as zonas de interstícios de Nova York promovendo, através de infiltração, ações de *site specific*, como jardinagem nos craquelados das calçadas. Este projeto nos leva a imaginar novas organizações políticas possíveis.

Gabriela Bilá (1990 -), arquiteta e urbanista pela Universidade de Brasília, por sua vez, propõe a obra *Teleport City*, exposta como instalação no Museu da República e na Rodoviária do Plano Piloto em 2017⁴⁶. *Teleport City* parte de uma premissa muito simples: 'e se os teletransportes existissem?'. O projeto destrincha desde possibilidades de funcionamento em nível global às implicações na cidade, no trabalho e na forma de se viver que isto pode gerar, passando por movimentos sociais contrários à implementação de tal tecnologia. Bilá propõe que com o

⁴⁵ Mais informações disponíveis em *Dossier of public interest: stopd* <<https://vimeo.com/163607812>> .

⁴⁶ O Catálogo desta exposição se encontra disponível em: <https://issuu.com/novoestudiobsb/docs/teleport_city_catalogo_issuu_01_e67054bfdaaa97> .

teletransporte seriam necessários passaportes globais, mas que ele permitirá a habitação de zonas isoladas como arquipélagos no meio do oceano.

Projetos como estes promovem momentaneamente divergências na forma tradicional de se pensar, principalmente através do “e se...” para que nós possamos pensar de outras formas antes não pensadas.

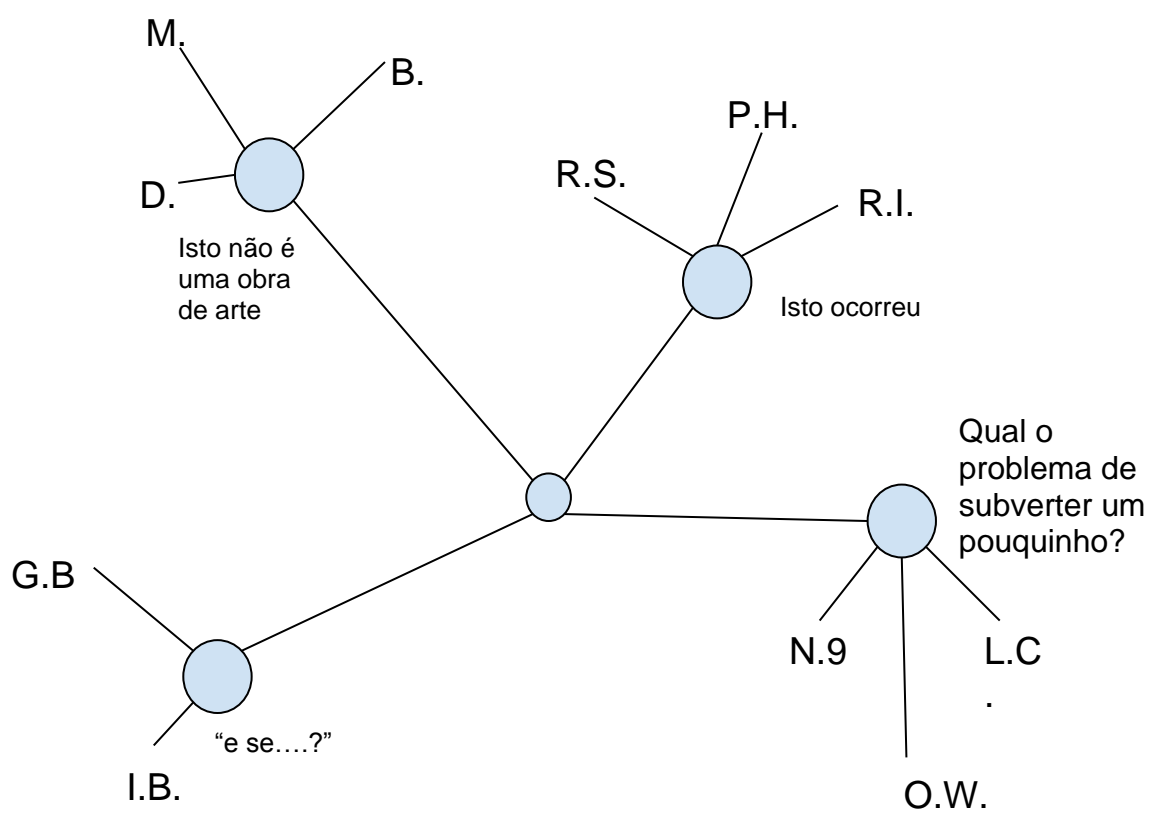


Figura 10: Diagrama dos artistas. Acervo nosso

[Um minuto de silêncio em homenagem a John Cage]

PARTE 3
Errantologia

O Senhor Henri disse: se um homem misturar absinto com a realidade obtém uma realidade melhor.

... podem crer, excelentíssimos ouvintes, que vos falo não por via de uma erudição, que sem dúvida alguma possuo em grandes quantidades; mas não, não é por aí que minha voz vem.

... a minha voz vem da experiência, caros concidadãos!

... é verdade que se um homem misturar absinto com a realidade fica com a realidade melhor.

... mas também é certo que se um homem misturar absinto com a realidade fica com o absinto pior.

... muito cedo fiz as escolhas essenciais que há para tomar na vida – disse o senhor Henri.

... nunca misturei o absinto com a realidade para não piorar a qualidade do absinto.

... mais um copo de absinto, caro comendador. E sem um único pingão de realidade, por favor. (TAVARES, apud. MORI, 2014 p. 189)

Uma trajetória em busca da ficcionalização do mundo

Agora retomo a narração em primeira pessoa para contar sobre o meu desenvolvimento poético para esta diplomação. Alerto que me dei a liberdade de contar esta breve ficção com o uso de algumas referências reais, mas advirto ao leitor que não acredite em minhas palavras. Isto é tudo apenas uma brincadeira de linguagem. Isto *não* é uma obra de arte. Isto *não* é um texto.

Idealmente pede-se que o estudante de bacharelado em Artes Visuais faça um encadeamento entre as matérias de Projeto Interdisciplinar (estrutura do seu projeto de pesquisa), Ateliê 1 (início da pesquisa e da produção da obra), Ateliê 2 (desenvolvimento e aprofundamento da pesquisa em artes) e Diplomação (Conclusão da pesquisa e exposição da obra)⁴⁷. Sabemos contudo que esse processo não é tão linear e muitas vezes sobra ao período da diplomação a definição, a produção e a conclusão da obra-pesquisa.

Os membros da banca avaliadora que já orientaram trabalhos de monografia saberão facilmente relatar episódios em que este dito se fez verdadeiro e tudo ficou para a última hora. Contudo saibam que com este trabalho *não* foi assim.

Com exceção do semestre de Projeto Interdisciplinar (P.I), no qual participei das ocupações universitárias e secundaristas e acabei, conseqüentemente, escrevendo um projeto voltado para licenciatura, os outros sempre orbitaram ao redor do conceito de arte e ficção. Foi neste semestre que, sem saber, tive os primeiros contatos com os habitantes da ilha: em uma noite de setembro, durante uma caminhada noturna, ouvi barulhos um tanto agudos misturados ao burburinho das águas do lago. Não dei importância.

Em Ateliê 1, baseado em *Art Book* de Bruno Moreschi, tentei desenvolver fracassadamente a ideia de um artista inventado (agora não me recordo do nome) representado pela galeria Kafeé⁴⁸. Não ter alcançado o efeito desejado me levou a deixar o semestre seguinte para respirar e repensar o trabalho. Conjuntamente a Ateliê 1 cursei a disciplina de 'Patadesign, que também foi um fator decisivo para repensar a abordagem que estava dando à ficção. Neste período letivo lembro de ter

⁴⁷ Soma-se no total 4 semestres (2 anos) se feitos um seguido do outro - o que raramente ocorre.

⁴⁸ Anagrama de "É Fake".

encontrado às margens do lago pequeníssimas estatuetas - supus serem dioramas complexos de algum artesão misterioso, ou de algum colecionador que os tinha levado para dar uma volta, sabe-se lá.

No semestre de respiro, cursei Design Fiction e tive novo fôlego, sobretudo por discussões acaloradas sobre tecnologias especulativas e futuros catastróficos. Não tive mais nenhuma aparição incomum de objetos na ilha. Também não tinha muito tempo de ir lá, saía de casa com o sol raiando e chegava em alta noite. O meio período que tinha acesso era gelado e solitário demais para ousar se aventurar.

Em Ateliê 2 iniciei o projeto da Ilha Käio, que também fracassou na sua execução (contudo o fracasso foi transformado em uma obra que mentia sobre o próprio fracasso, afirmando que o fracasso foi intencional). Enquanto tirava fotos para a instalação expositiva de ateliê, me surpreendi ao encontrar mini cidades escondidas entre a relva com suas mini civilizações. Isto sempre esteve alí? Busquei iniciar contato.

Deixei o semestre seguinte para ler todos os livros que precisava antes da diplomação, cursei autoficção (que utilizo aqui para contar essa história toda)⁴⁹ e produzi um trabalho que foi exposto junto ao dos formandos de 2/2018⁵⁰. Ao descobrir os pequenos povos que habitavam a ilha, meu trabalho anterior sobre a Ilha Käio adquiriu novas conotações. Busquei conhecê-los e conviver com eles.

Finalmente em 1/2019, apresentei a diplomação e com ela minha homenagem aos pequenos e fantásticos habitantes da Ilha Käio com quem tive o prazer de conversar e até de beber juntos.

⁴⁹ Por escolhas estratégicas, a abordagem dos conceitos e teorias sobre autoficção foram abandonadas, deixando apenas minhas auto-mentiras.

⁵⁰ Para um maior aprofundamento ler Caio Vs Wiki.

[04/nov/2018] Eu já diplomei, vocês que não viram.

[Uma breve narrativa]

Após algumas conversas que tive no banco da área externa do Dep. de Artes Visuais, cheguei à conclusão de que era necessário eu tecer um texto sobre o que foi o processo de inserir uma obra de arte na exposição Estadas, afinal, a narrativa que se registra é o que fica para a História, e para além disso quero que seja conservada, sobretudo, a Verdade.

[Dito isto vamos aos fatos.]

O trabalho *Como ser uma obra de arte contemporânea e se passar despercebida* começou a ser pensado tão logo descobri que haveria a exposição dos formandos e que nesta exposição estariam várias pessoas do meu semestre, por quem tenho muito apreço. Queria estar me formando junto a elas, contudo por fatores externos não foi possível.

[Aviso que não citarei nomes pois não me foi consentido.]

Antes de ter o trabalho totalmente planejado, conversei com M. e perguntei como estava a programação da montagem. Ela, sem certeza, me disse que a montagem seria do dia 22 ao dia 26 de novembro, 27 seria a Vernissage. Na ocasião troquei algumas ideias com o A. e com a E.

Com segundas intenções, me ofereci à R. para ajudar na equipe de montagem - ter acesso ao espaço expositivo seria essencial.

[...]

Comecei a elaborar o trabalho.

Em homenagem à Hito Steyerl o primeiro título dele foi “Como não ser visto”. Elaborei, a partir das minhas anotações para o TCC, cinco passos para criar uma inserção de um objeto em um contexto de modo a este se passar despercebido. Tal uso de um circuito ideológico possibilita a criação de ficções no mundo real.

No fundo era um trabalho metalinguístico.

Fiz a primeira versão do texto e postei no instagram afirmando que seria o meu trabalho de formatura, ninguém parecia desconfiar, temporalmente estava prevista minha formatura para aquele período.

[...]

Com o trabalho finalizado, comecei a ajudar na montagem dos vários trabalhos, olhando delicadamente a expografia e vendo onde seria possível inserir minha obra.

Calhou de haver um belo espaço ao lado do livro de visitantes.

Considerarei colocar no primeiro dia da montagem, mas uma ideia me veio à cabeça “seria muito ruim ser descoberto logo de cara, D. poderia entrar a qualquer momento na galeria e perceber a obra extra, ela tiraria na hora!”. Deixaria para momentos antes da Vernissage, na pior das hipóteses, um punhado de pessoas a veria antes de ser removida.

Ajudei a montagem de M., A., A., R... Chamei C. de lado e pedi para ela me ajudar a marcar a parede.

-Caio! você tá louco? e ainda quer me colocar de cúmplice!?

Marcamos a parede

[...]

Eis chegado o grande dia. A. ainda estava terminando de montar o seu trabalho e ajudei posicionando os refletores. Aproveitei para deixar um refletor para minha obra ainda não colocada.

Cronômetro ligado

30min para a abertura oficial.

Tirei o plástico das fitas bananas

15min

Posicionei e coleí todas as imagens em apenas 3 min. e 46 segs.

[...]

Uma semana depois, passei na Coordenação do Espaço Piloto e marquei minha banca para o dia 5 de dezembro.

Daniel - Orientador

Pierre Menard e Lillian Mountweazel - Banca

Infelizmente ninguém compareceu, Daniel por não ter sido avisado, Pierre e Lillian por inexistirem.

Dia 10. Retirei meu trabalho como todos os outros formandos.
[Fim]



Figura 11: Fotografias da obra na vernissage. Acervo Nosso.

COMO NÃO SER VISTO

UMA SÉRIE DE ARTE-FICÇÃO

APRESENTA:

COMO SER UMA OBRA DE ARTE CONTEMPORÂNEA E SE PASSAR DESPERCEBIDA

MÉTODO 1: CONHECER

PARA SER UMA OBRA DE ARTE CONTEMPORÂNEA E SE PASSAR DESPERCEBIDA AOS OLHOS DO SISTEMA VOCÊ DEVE CONHECER.

QUEM CONHECE MELHOR, MENTE MELHOR.

DEVE-SE DEFINIR PRIMEIRO:

-AOS OLHOS DE QUEM QUERO PASSAR DESPERCEBIDO?

QUANDO SOUBER A RESPOSTA. VOCÊ DEVE CONHECER.

NO MUNDO EM QUE VIVEMOS, CONHECER É UM MODO DE FICCIONAR A SI MESMO.

MÉTODO 2: IMITAR

CONHECER SÓ TE FAZ UM CONNOISSEUR. VOCÊ DEVE PARTIR PARA A PRÁTICA. IMITE OS MOLDES E MODELOS DO SISTEMA. IMITAR É UMA AÇÃO BIOLÓGICA.

MIMESIS

IMITAR É PASSAR DESPERCEBIDO, COMUFLAGEM.

NO MUNDO EM QUE VIVEMOS, IMITAR É UM MODO DE FICCIONAR A SI MESMO

MÉTODO 3: INSERIR

NÃO BASTA IMITAR, VOCÊ TEM DE COLOCAR EM PRÁTICA

SE INSERIR É CORRER RISCO.

SE PROSTRAR FRENTE À SELEÇÃO NATURAL E TORCER PARA QUE TENHA FEITO UMA FANTASIA CONVINCENTE O BASTANTE.

INSERÇÃO EM CIRCUITOS IDEOLÓGICOS

NO MUNDO EM QUE VIVEMOS, SE INSERIR É UM MODO DE FICCIONAR A SI MESMO

MÉTODO 4: DIALOGAR

APÓS INSERIDO CONVERSE.

FAÇA DESTE O SEU AMBIENTE.

INSERIDO E DIALOGANDO VOCÊ PODE SEMEAR NOVOS SISTEMAS DENTRO DO QUAL VOCÊ SE ENCONTRA.

NO MUNDO EM QUE VIVEMOS, DIALOGAR COM O OUTRO É UM MODO DE FICCIONAR A SI MESMO

MÉTODO 5: ESPECTAR

SE VOCÊ É APENAS UM MERO ESPECTADOR, VOCÊ É DESPERCEBIDO

MAS VOCÊ SÓ PODE SER UM MERO ESPECTADOR SE VOCÊ JÁ CONHECE O SISTEMA, JÁ É CAPAZ DE IMITA-LO, DE MODO A SE INSERIR E DIALOGAR COM ELE

UM ESPECTADOR PASSA DESPERCEBIDO

PELO SEGURANÇA
PELO CURADOR
PELO PÚBLICO
ELE É DESATENTO
NINGUÉM DUVIDA DO ESPECTADOR.

NO MUNDO EM QUE VIVEMOS, NÃO SER VISTO É UM MODO DE FICCIONAR A SI MESMO

Figura 12: Como ser uma obra de arte contemporânea e se passar despercebida. Acervo nosso

A Ilha Käio

[27/Jun/2018] Caio Vs Wiki

Antigamente a produção de mapas era difícil e cara, exigia muita pesquisa e muitos desenhos preliminares; os cartógrafos então desenvolveram um hábito para evitar plágios e réplicas: inserir dados falsos ou fictícios em seus mapas - poderia ser uma rua sem saída, uma cidade falsa, uma ilha a mais - dados que comprovem a cópia de material autoral. Foram cunhados termos específicos para cada ação dessa: *Mountweazel*, *rua armadilha*, *rua de papel*, *assentamento fantasma*, *ilha fantasma*, *palavra fantasma* e *nihilartikel*⁵¹.

A título de curiosidade, *Mountweazel* se refere à uma biografia falsa criada em 1975 pela *New Columbia Encyclopedia*. Lillian Virginia Mountweazel (1942–1973) teria sido uma designer e fotógrafa que morreu tragicamente em uma explosão. Já *nihilartikel* seria uma combinação de *nihil* ("nada" em latim) e *Artikel* ("artigo" em alemão).

Grandes sites como o Google Maps e Wikipedia tiveram problemas por conta dessas ações. Várias cidades e ruas de papel foram marcadas como existentes após o Google importar bancos de dados de diversos mapas para deixar seu conteúdo ainda mais completo. Na Wikipédia se deu o caso, que repercutiu nas grandes mídias do Brasil, de dois juristas que, para dar uma lição no estagiário que confiava em tudo que via pela internet, falsificaram o perfil de um jurista - Carlos Bandeirense Mirandópolis - professor entre 1959 e 1968 da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP e profundo defensor da democracia, que foi exilado durante o AI-5. Após isso Carlos foi citado em filme sobre as Diretas Já, em decisão judicial e em trabalho de conclusão de curso⁵².

Como trabalho artístico me propus então a atuar dentro desse campo das Cidades de Papel e inventar minha própria localização. 15°45'18.75"S 47°50'46.99"O - a Ilha Käio estava marcada no Google. Alguns anos antes, inspirado em nossas piadas internas, um amigo meu já havia feito o requerimento para incluir um nome local na ilha pelo Google Earth.

⁵¹ Tradução Livre de "Mountweazel, trap street, paper street, paper town, phantom settlement, phantom island, ghost word, and nihilartikel." WIKIPEDIA.

⁵² Aos interessados na história completa, ela está disponível em <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/02/perfil-falso-na-wikipedia-e-citado-em-decisao-judicial-e-trabalho-academico.html>> Acesso em 25/05/2019.

Comecei então a escrever o artigo na Wikipédia para oficializar a existência do lugar. Menos de 23h depois o artigo foi retirado do ar pelo usuário Stainglavine por irrelevância. Considerei recriar instantaneamente, afinal já tinha os textos escritos, mas iria levantar muitas suspeitas; eu precisava ser cauteloso. Iniciei meus estudos sobre o funcionamento da Wikipédia.

Os estudos tomaram boa parte do tempo. Através deles compreendi o formato de texto que a Wikipédia exige. O sistema de moderadores que estão o tempo inteiro revisando artigos e os colocando para Eliminação Rápida (ER), ou revertendo alterações. A Wikipédia por exemplo tem a política de não aceitar pesquisas inéditas. O conteúdo tem de estar documentado em outra fonte válida fora dela.

O meu artigo havia sido removido pela ER A4 - Sem indicação de importância (pessoas, animais, organizações, conteúdo web, eventos). Isso significava que não era nem uma questão de fontes confiáveis, mas de não ser relevante o suficiente para ter um artigo próprio (ai, meu ego!). Havia alguns anos que artigos sem informações relevantes sobre pontos geográficos começaram a ser deletadas, isso se deu principalmente pela expansão dos microartigos sobre ilhas e corpos siderais.

Comecei então a desenvolver a Sociedade da Ilha Käio, criando dessa forma uma história para este local. A sociedade surgiu logo após o concurso de seleção do projeto de Brasília: o excêntrico arquiteto responsável pelo projeto de número 19 - Brasília por formações modulares - inconformado com a desclassificação decidiu criar ele próprio um núcleo de protótipo da sua ideia e declarou independência para o território localizado às margens do lago Paranoá.

Contudo me deparei com outro problema: Wikipédia não costuma aceitar fontes enviesadas: conteúdos de grupos ou partidos. Página apagada de novo. O site que criei com o conteúdo não foi pago mês passado e perdi todo o conteúdo.

Preciso de mais tempo para conseguir criar outros conteúdos e inseri-los em outros lugares. Criar outros pontos de vista.

Wikipedia: 1

Caio: 0

Esboços historiográficos da Ilha Käio

Localizada ao centro-margem do lago da Capital, encontra-se uma formação terrosa de interessante cronologia.

Quem a olha de fora observa apenas mais uma paisagem natural, composta por sua relva não muito alta, suas copas de árvores e pelos eventuais animais que ousam passar por ela. O segredo se resguarda para quem decide olhá-la de dentro. Imediatamente surgem pólis, megalópoles e necrópolis.

A ilustre ilha tem o poder de encantar os olhos de quem a vê: os arqueólogos conseguem escavar material suficiente para escrever alguns livros sobre civilizações antigas na América Latina, a extensão do domínio dos maias e observações elementares sobre a Idade do Ferro; botânicos e zoologistas costumam se deparar com espécimes sempre vistos, porém em um grau de beleza fantástica; os arquitetos e urbanistas podem especular sobre as diferentes influências arquitetônicas presentes nos enormes e minúsculos monumentos públicos; aos escritores, das mais variadas estirpes, serve de inspiração.

Eco, Borges, Calvino, Garcia Marques, Saramago, Swift, Polo, Carrol... são alguns dos quais dedicaram páginas e até capítulos inteiros a esta ilhota.

Isso tudo só é possível em tal acidente geomorfológico, porque este possui em si a capacidade de alterar escalas, dilatar tempos e viver independente do mundo externo.

Se fores mais ao sul da ilha os humanos que lá habitam não são maiores que uma unha do polegar; ao leste? menores ainda. Ao norte, entretanto, as civilizações que habitam o subsolo chegam a medir uma escala de 1:25. Somente uma expedição de longa duração seria capaz de discernir todos os biotipos existentes nesta ilha.

O tempo entretanto, também gosta de brincar por lá, ora se faz ligeiro como uma lebre, outras vezes gosta de sentar e assistir a si mesmo passar, no mundo externo. Ele tem uma predileção por corroer as cidades e desmanchar as civilizações doce e lentamente, somente para assistir tudo se formar de novo. Lá, as diversas camadas de sonhos e utopias constroem o solo, ou o que sobrou dele, como se fosse rocha metamórfica.....

Relatos para um Ilha

Camile Lemos

Se fecho os olhos e imagino uma ilha vejo em minha mente água e céu. Em meio a tanto azul há um um pequeno punhado de terra pairando como se uma mão o tivesse levantado. Em sua superfície verde com as gramíneas que se alastraram há uma grande árvore, refúgio do sol em dias quentes como em uma tarde de agosto. Ao seu lado, a acompanha um mini pedaço de terra, talvez sejam irmãs.

Uma ilha, assim como um ipuã, nasce emergindo. Terra que brota da água em meio a muito céu e pouca relva, flutuaria como uma pluma isolada da beira, se não fosse por uma pequenina ponte pela qual podemos andar. Nela se fundem o natural e o artificial, aquilo que a natureza concebeu e a humanidade criou, pairando em um lago artificial moldado pela mão humana, construído e planejado, no qual eventualmente se formaram ilhas frutos do vínculo com a terra.

E assim, a ilhota em meio à capital permanece conectada e separada, ao mesmo tempo destacada e amarrada à margem. A Ilha Kaio é um pequeno monumento que flutua nas águas do lago Paranoá, cuja matéria é o próprio paradoxo: simultaneamente isolada e conectada, é importante pela sua desimportância e grande pela sua pequenez.

Helena Dalbone

Era para ser surpresa, imagino que foi. Quantos anos o Caio fez? Acabei de perguntar para Vitória, 22 foi a resposta acompanhada por um “acho” tímido. Foram dois grupos feitos no aplicativo de mensagens, um que convidava para um rolê na ilha KÄIO feito pelo próprio aniversariante e outro feito pela namorada, convidando para o mesmo evento um dia antes. Aí estava a surpresa.

Chegamos para festa, eu e Vit, como não conhecíamos nenhum dos outros convidados, ficamos no quintal. Do quintal podíamos acessar a margem do lago, depois da cerca. Ficamos olhando o horizonte e o resquício de cidade, diminuída à pequenas luzes de postes duplicadas na superfície do Paranoá. Eu estava fumando, infelizmente como sempre, e, como sempre, ela me acompanhando, infelizmente.

De repente ouvimos um som, quase um sussurro vindo do outro lado, lá para o fim da Asa Norte à margem de frente para nós. O sussurro aumentava e eu me questionava do que se tratava, pois não parecia vento. Era estático, áspero e pontiagudo como um ouriço. Assim tão rápido como aumentou de volume, a água distante do lago passou a se movimentar vindo da direita para esquerda, a superfície se tornou aveludada e arrepiada. “É chuva”, concluímos. Rapidamente se alastrou por toda superfície do lago e em pouco tempo nos deixaria ensopadas.

Recuamos para a varanda, lá tinha algumas mesas e ficamos sentadas esperando o aniversariante. Os outros convidados haviam formado ao lado a famigerada roda de violão. Era uma casa muito engraçada, com portinhas misteriosas, caixa de areia em pleno corredor e um aquário no canto da sala.

O canto, sempre espaço de vazio que sentimos a necessidade de camuflar com um número impressionante de objetos que caibam e convenham, na minha casa tem caixas organizadoras empilhadas, altares improvisados e plantas devidamente acumuladas por Helena Dalbone. No caso, no canto da sala de Caio, havia um aquário adaptado dentro da carcaça de uma tv de tubo. Fiquei hipnotizada. Só conseguia pensar numa estética dos anos noventa cyberpunk presente nas animações japonesas.

Caio chegou, e disse que nos levaria para a Ilha KÄIO. Fomos todos os amigos das artes, nessa hora os outros convidados já haviam chegado. Eles foram na frente, passaram o portão da cerca em direção a margem, e fiquei para trás para pegar minha câmera.

Se tornou um ritual próprio, levar minha câmera instantânea para aniversários e despedidas, comemorar a passagem dos anos e as separações. Estava nervosa, sempre fico porque chama bastante atenção e em eventos sociais sempre quero ser discreta, falho miseravelmente na minha opinião.

Para completar, minhas pilhas estavam descarregadas, tudo convergindo para aumentar a minha ansiedade social e meu nó nas tripas. Coloquei tudo no bolso do meu casaco, não chovia mas estava fazendo frio. Minha memória me diz que estava com o cheiro clichê de terra molhada. Corri para alcançá-los.

Na margem tinha uma ponte, feita do jeitinho brasileiro da gambiarra, concreto sem corrimão algum, um passeio ou calçada flutuante em forma de arco. A ponte levava até um pedaço de terra, não muito distante da margem. Aqui as coordenadas: 15°45'18.6"S 47°50'47.0"W, caso queira ver no google maps. Nessa pequena ilha tem uma árvore e pequenos arbustos.

Cabiam cadeiras suficientes para todos e duas mesas, faltava só o litrão para nosso convescote. A câmera, lembrei, e o presente que queria dar. Tirei a câmera, não sei de onde, e as pilhas do bolso, todos se reuniram para a foto que nunca foi tirada. Que vergonha, a bateria não aguentava e todos já tinham se separado quando consegui encaixar as pilhas em outra posição.

Liguei a câmera, comecei a ouvir o barulho irritante do flash carregando, apontei para ele e num pulo pressionei o botão de disparo. A câmera ejetou a foto. O filme era preto e branco, para minha surpresa. Eu tinha emprestado a câmera e quem me devolveu colocou um outro filme nela e sobravam poucas poses desse filme misterioso. Ele pegou a foto e guardou no bolso do casaco.

Assim acabou nossa expedição pela ilha KÄIO, pegamos a ponte para retornar à varanda.

Julia Pascual

De vez em quando não existia, mas quase sempre sim. Pelo menos deixava de aparecer nesta parte do mundo à qual estamos acostumados a chamar de nosso. Naquela pequena ilha - local turístico a capivaras que não querem ir muito distante das suas famílias, mas precisam tomar um descanso - era possível ver todas as estrelas de uma noite, e se perder nas outras refletidas nas águas do Lago Paranoá. Do outro lado do lago tinha Brasília, cidade futurística cheia de luzes e poucos prédios altos. Do outro lado do lago aconteciam muitas vidas de gente, mas ali naquela ilha não. Só de vez em quando alguns jovens escandalosos, acomodados ao sabor de álcool e música, preenchiam o espaço da ilha, trazendo vida humana para dentro dela. E algumas outras vezes era visitada por ex-pescadores, com seus barquinhos simples de madeira, que em outros tempos acomodavam peixes frescos em seu interior. Atualmente nem mais o cheiro de peixe o barquinho se lembrava muito bem: agora, os pescadores preferiam comprar peixe direto no supermercado, mesmo.

De tão visitada, a ilha Kãio começou a ir sabendo melhor do mundo. Começou sabendo mais do barquinho dos pescadores, e descobriu que o ritmo lento com que ele andava não era tanto culpa das águas calmas do Lago Paranoá, mas da preguiça do próprio barquinho. Não gostava de acordar tão cedo quanto os pescadores e estava sempre com sono. E conheceu as capivaras, bicho simpático que se dá bem com quase qualquer animal, e que também mostraram simpatia por ilhas (ou talvez só fossem simpáticas com aquela ilha; Kaio não tinha como saber). Por fim, conheceu melhor os humanos.

Eram criaturas esquisitas, esguias e escandalosas, com pedaços de panos recortados de forma diferente em seus corpos e com panos até em seus pés. Andavam de jeito diferente das capivaras, mas assim como elas visitavam Kãio em grupo. Eram mais ruidosas que as capivaras, mas interagiam menos com a ilha, falando mais entre si. Possuíam uma cabeça confusa e cheia de emoções, Kãio podia senti-las, e quando apenas uma pessoa o visitava geralmente essas emoções estavam embaralhadas ou marcadas por um sentimento de tristeza que as águas do lago conseguiam confortar.

Mesmo sem interagir tanto com humanos, passou a ter carinho por eles. O jeito desajeitado e imprevisível de cada um, as emoções de cada humano e como

isso se expressava pelo seu modo de ser e de interagir com os outros, tudo isso era percebido pela ilha, que mesmo sem entender o tempo todo o que estava acontecendo, observava intrigada a cada um de seus movimentos e gestos, e foi aprendendo pouco a pouco como eles funcionavam. Por visitarem-na bem menos que as capivaras, aqueles humanos tinham também um caráter exótico que era sempre objeto de curiosidade à ilha.

Um dia, uma das criaturas humanóides entrou na água. Essa ação era bem comum de acordo com a ilha Kãio, que estava acostumado a ver as capivaras fazerem a mesma coisa. Mas percebeu que a emoção do resto dos humanos era de surpresa e confusão mental; era algo incomum para eles.

Kãio ficou preocupado, pensando que talvez os humanos funcionassem de jeito diferente das capivaras e derretessem na água. Pouco depois, percebeu que tinha acertado em parte, que a confusão sentida por eles era de fato porque funcionavam de forma diferente às capivaras na água, mas isso se devia a sentirem o frio da água pela noite (as capivaras percebiam o frio na água mas o ignoravam e ele ia embora), e que por algum motivo isso fazia com que as outras criaturas humanóides ficassem surpresas que outro humano entrasse na água às quatro horas da manhã. O frio pareceu impedir que esse humano ficasse muito tempo nadando na água, e ao sair dela ficasse batendo seus dentes contra outros dentes seus, criando um som que Kaio especulou ser a música que tocavam para avisar que tinham saído da água (embora o som deveria ser mais forte; aquilo era praticamente inaudível para quem não estivesse muito perto daquela criatura). Aquelas espécies eram intrigantes.

Já era noite. Ela estava dentro do carro, saindo de uma festa de aniversário familiar, indo para o aniversário de Caio. O vento estava batendo forte em seus cabelos, como se estivesse querendo lhe dizer algo, ou movimentar algo que até então estava completamente inerte. Entrando no Lago Norte, o ar ficou mais úmido e frio. A mudança repentina na sensação térmica, pinçou-a de um avalanche de pensamentos rápidos - que a atravessavam sem permissão alguma e retornavam de dentro, por sua garganta oca, tecendo nós entalados. Algo, porém, escapulia: uma sensação estranha de não-pensar dominou todo o seu corpo.

Era como se ela, de repente, fosse uma bóia, pesadíssima, que acabara de incorporar restos, entulhos, vestígios, farrapos e lixos conectados por um emaranhado de nós... uma bóia que encheu-se com o suspiro do vento frio da noite - e por isso mesmo flutuava, mesmo que com todo o seu peso. Só foi preciso um pouco de ar para que flutuasse... Todo seu conteúdo estava suspenso em um estado de não-pensar. O acúmulo descartável materializou uma transgressão repentina – imbuída de vazio.

Chegando no aniversário de seu querido amigo, entendeu porque o vento lhe devastara. Inconscientemente recordava da Ilha “Kaio”, e de alguma forma, ela previa uma ilha dentro de si – sua bóia.

Talvez a mania do Caio de ressignificar as coisas “inúteis”, tecendo narrativas curiosas, por pura diversão, para acontecimentos e objetos aparentemente indiferentes ao olho nu, tenha sido um modo remoto dela preencher-se de Caio, lembrar, de forma indireta, de seu amigo: justo no dia que ele nasceu (Ha-ha!, quem vê, até pensa)! Longe de associar o Caio a restos, e mais próxima a vinculá-lo a ideia de ressignificação - através do que não faz (mais) sentido, do que é inapreensível (como aquele vento frio e noturno); escapuliu de si, então, um sentido além do racional e lógico.

Todos os nós e emaranhados, fruto de pensamentos repentinos e quase obsessivos (discordâncias, disparidades e anacronias) que carregava do mundo perderam sua força paralisante, quando defrontados com o comum - vinculado a uma narrativa implícita, desprovida de histórias ou matéria – mas livre, aberta a novas interferências. O não-sentido, e não-sentir era o próprio sentido! Essa

desmaterialização e desconstrução sublimava a força da matéria – gerando a sensação de não-estar, de pairar, de flutuar.

E foi assim que antes mesmo de deparar-se com a Ilha Caio, ela já tinha se transfigurado em uma de Ilha “de Caio” psicológica e portátil. Mas a ilha Kaio era permeada de memórias, lembranças e histórias materializadas, pelo próprio Caio, e por tantos outros que lá pisaram. Ela não precisava da imaginação para existir. A minha ilha que precisava! E talvez aquela ilha mesmo, e tudo que é palpável, para existir dentro de cada um, dependa dessa desmaterialização imaginária e individual para manter-se presente na memória. Então me pergunto quantas ilhas a ilha Kaio já não criou.... E na sua própria solidão, como ela também está povoada! O que seria da Ilha Kaio sem a presença das contradições? Entre uma contradição e outra existe um espaço vazio e indefinido. O que fica? Qual a ponte entre a terra firme, a realidade, e a Ilha?

Valéria Pena Costa

Imagino que seja filha do arquipélago cubano, hermanita das numerosas ilhotas caribenhas como Cayo Largo, Cayo Ensenacho, Cayo Anclitas, etc, que, depois de longo périplo remando Atlântico abaixo, ansiosa por alcançar o Pacífico Sul e conhecer outros mares, viu-se quase congelando no Oceano Antártico, por onde planejava a travessia.

No desespero de uma jovem ilha tropical acostumada a nadar despida, buscou aquecer-se um pouco aproximando-se da Terra do Fogo. Decepcionada pela ilusão do nome e quase a ponto de aportar enregelada e a contragosto no extremo sul do planeta, decidiu voltar aos trópicos calientes, com breve estada de descanso em algum ponto de águas mornas da costa do Brasil, esse país que, como ela encontra-se meio perdido, meio à deriva...

Uma vez em águas brasileiras, foi descoberta por um artista do Planalto Central, pesquisador aventureiro, pescador de estórias virtuais, que a viu boiando no azul profundo da tela de um computador e prontamente a rebatizou com seu próprio nome, com pequena variação de grafia: Käio.

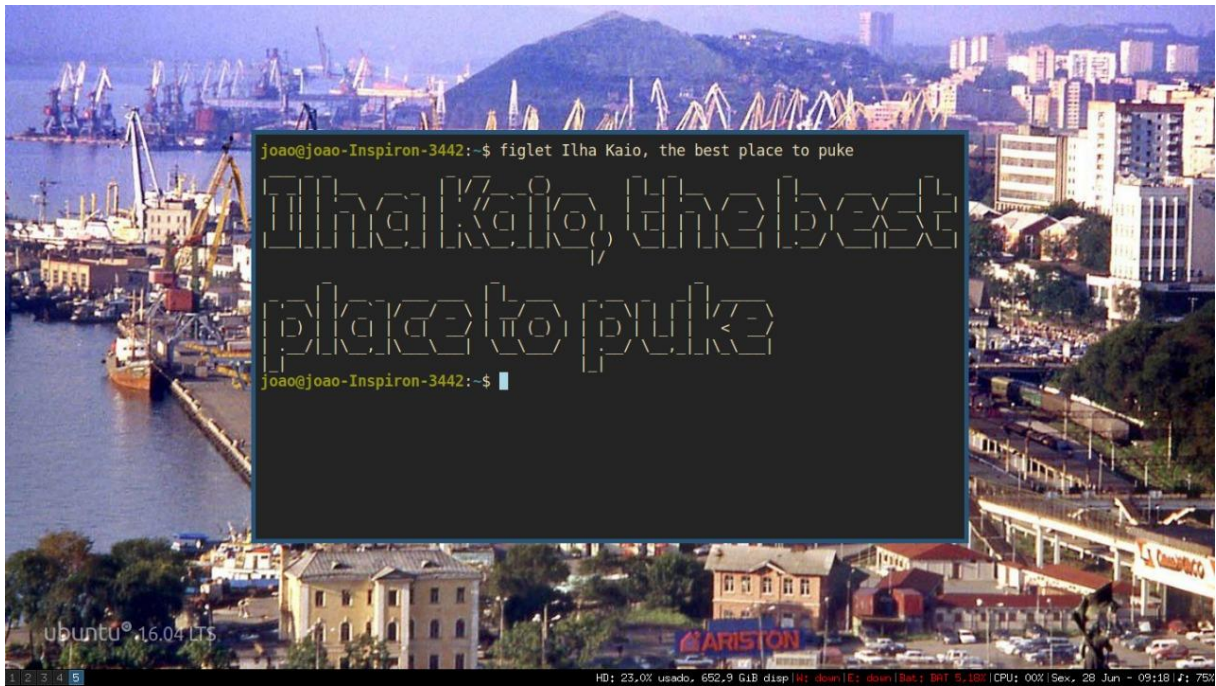
Cecília Lima Rodrigues

Então avistei um pedacinho de brilho que flutuava à deriva do lago, balançava, sereno. Aproximei-me para conhecer a natureza daquele ser com olhos estreitos para fugir a vertigem da luz de três da tarde. Era um barquinho, ou um casco de navio que se desprendeu do fundo do lago, possivelmente uma bóia gigante e já falida do glamour e alegria das bóias gigantes de piscina. VV que era mesmo uma lona de circo a dançar enamorada pelo vento quente. Quantas surpresas habitam, agora, aquela finisterra da palhaçaria? Eu especulava... Com espanto, percebi ali se tratar de grãos de areia que refletiam o sol e transmutavam simultaneamente aquele corpo de um coração de plástico para madrepérola bruta, pedra desgarrada do noturno da água.

Mergulhei fundo e não havia raízes ou alicerces, era solta, instável, livre, plena, selvagem e talvez filha de outro continente, talvez viesse da costa da África quando, um dia, todo o cerrado foi mar e depois se fez deserto. Talvez ela tenha brotado no ventre do Atlântico e velejou contra a corrente. Quis desembocar próxima da terra firme, quando, no porto, decidi desbravar riachos de mata atlântica e criar entranhas junto da terra como as plantas retorcidas do centro-oeste. Eu me resignei a olhá-la e balançar junto, flutuar em harmonia, geramos ondas ressonantes, éramos então dois golfinhos. Descobri o deck, um cordão umbilical com a terra firme ou espécie de âncora alinhada com o horizonte. Subi a altura das madeiras soltas e engatinhei de encontro, farejei.

Nos encaramos como dois animais que se deparam com a existência mútua. Queria ouvi-la e assim pisei sua terra, topografia e pele morna, não era lona ou plástico e sim, um morro cujas bordas são praia e no epicentro brota uma árvore ou o mastro por onde aquela assembléia de bilhões ou trilhões de grãos de terra e areia cabotavam pelo Paranoá. Aceitando a hospitalidade daquela árvore cheia de sombra para oferecer, deitei a ouvir o murmúrio da água em debate com sua superfície, meu peito insistindo contra o chão, o vento quente escorregando pelas folhas e a isto dei um nome, como quem demarca território, registrei kaio como substantivo para esta encruzilhada de timbres, eu, ilha, lago, deserto.

Joãosef Stalvim



Luana Castro

Sobre a Ilha Käio:

Certa vez eu tentei nadar de Brasília até a República Tcheca, mas no meio do caminho encontrei a Ilha Käio. Nessa ilha as plantas eram feitas de plástico e todas as pessoas usavam pesados coturnos pretos, e eu fiquei sem graça porque cheguei lá descalça. Um dos representantes Käio, um senhor de 4 centímetros e meio com uma regata preta, disse que eu poderia ganhar um coturno se eu conseguisse vencer três desafios: dirigir uma Kombi sem as mãos, comer uma montanha de sanduíches de maioneses com salame em 10 minutos e carregar quatro malas cheias de materiais de arte em cima da minha cabeça.

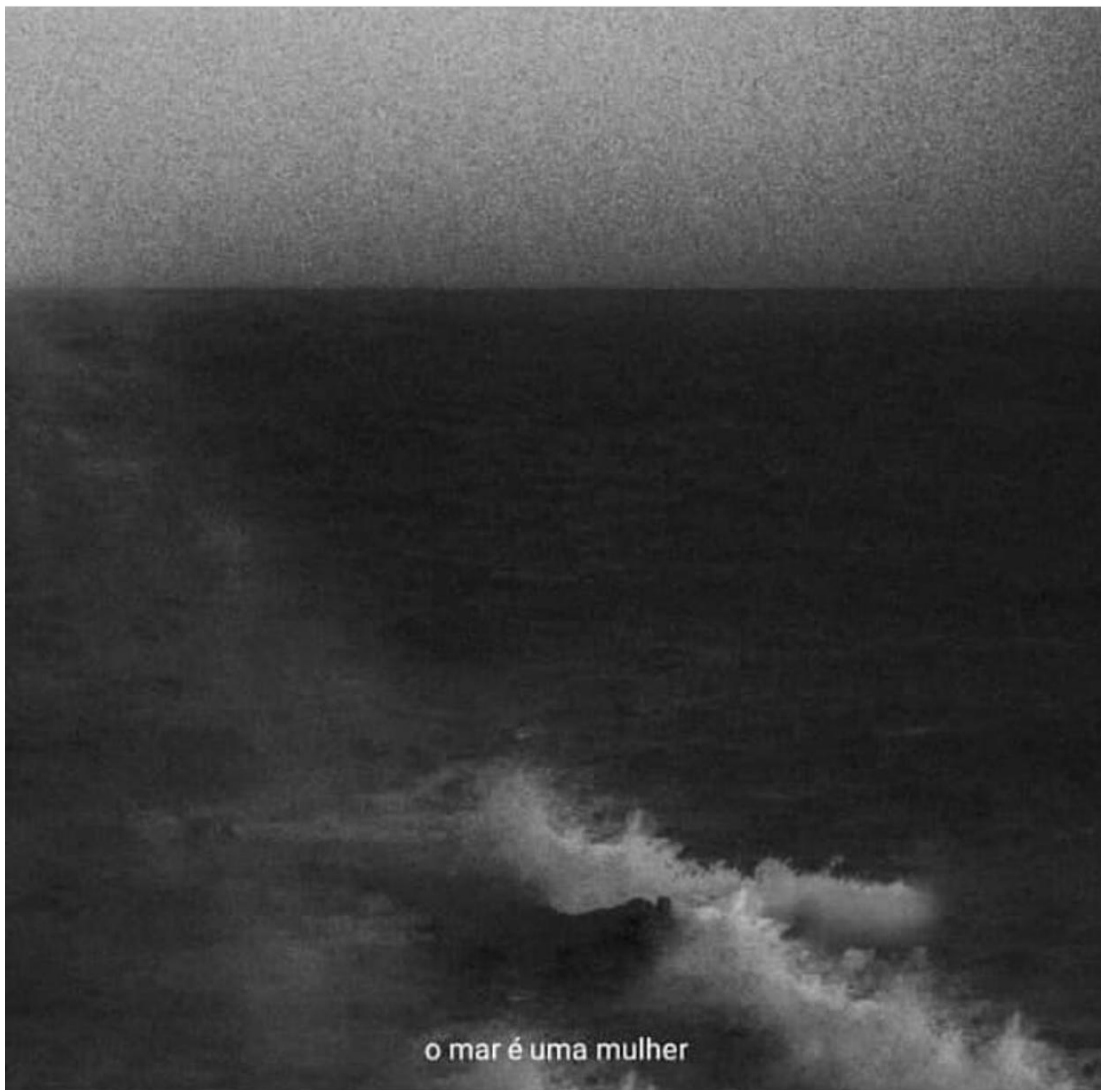
Eu consegui cumprir os três desafios, mas infelizmente eu calço 33 e habitantes da Ilha Käio não tinham coturnos na minha numeração. Então segui meu caminho rumo à República Tcheca.




Camila Cidreira




- A ilha kaio...



- Cuidado com o que você estuda! “Nenhum homem é uma ilha, um ser inteiro em si mesmo; todo homem é uma partícula do continente, uma parte da terra. Se um pequeno Torrão carregado pelo Mar (letra maiúscula do autor) deixa menor a Europa, como se todo um promontório fosse, ou Herdade de um amigo seu, ou até mesmo a sua própria, também a morte de um único homem me diminui, porque eu pertencço à humanidade. Portanto, nunca procures saber por quem os sinos doam. Eles doam por ti.” disse John Donne e depois Ernest Hemingway. Mas se os homens são continentes, as mulheres são o oceano.

Contínuo:



  muito a ver com um sonho que tive
essa noite 
19w 1 curtida Responder

  E as mulheres são como o mar,
parecem lindas, e quando menos se espera, elas
te afogam 😂😂😂 
19w 1 curtida Responder

  mas antes de entrar no
mar, é necessário saber nadar. KKK 
19w 3 curtidas Responder

- a ilha kaio pode ser um problema quando se trata de manutenção da qualidade dos dados de uma database como a do google maps. Quando eu falei sobre a ilha para o meu irmão que é especialista em marketing digital e gestão de mídias sociais, ele ficou horrorizado e disse que isso não era arte, era só uma forma de atrapalhar o trabalho árduo de pessoas que estão focadas em indexar de forma qualificada e verdadeira, informações. Qual o mal que uma ilhota isolada faria a um sistema gigantesco de organização e nomeação do mundo conhecido? Tudo tem que estar devidamente registrado, catalogado e firmado para os homens. Mas as mulheres, ah, elas são o mar. Quero ver alguém tentar mapear uma onda, uma gota, ou as correntezas fluidas dos rios. As partículas em movimento. Até um fenômeno oceânico recorrente como as correntes marítimas, são feitos de muitas águas. Muitas mulheres. A pequena sereia quando não pode recuperar a voz e perdeu seu amor, se desfez em lágrimas que salgaram o oceano e o seu corpo se tornou espuma. Na obra “os lusíadas” de camões, o gigante Adamastor se apaixona por Tétis, uma nereida, que o rejeita e engana. Adamastor se transforma em montanhas submersas, no “mar” do Cabo da Boa Esperança. Ele canta: “Todas as deusas desprezei do céu, só para amar das águas a princesa; um dia a vi, coas filha de Nereu, sair nua na praia e logo presa A vontade senti de tal maneira, Que inda não sinto cousa que mais queira”. - de tanto querer entrar no mar, quis se converter em

pura terra submersa, um gigante sob as águas, mas mesmo assim, nunca em paz com o fluxo. Não se possui o que é fluido, mas se possui o que é sólido. Quantos desconfortos por desejo de posse haverão enquanto a Ilha kaio continuar a perturbar os sistemas de direito às terras dos homens?

Ana Claudia Gonçalves Mascarenhas

Foi na Ilha Käio que te dei um dos beijos mais apaixonantes da minha vida. Foi ali que desejei que, naquela ilha, morássemos só nós dois, nem que fosse apenas por 2 horas

Foi na Ilha Käio que vi o pôr do sol mais lindo de toda minha vida, só para logo em seguida perder para o nascer do sol no mesmo lugar

Foi na Ilha Käio, em frente a uma fogueira de 4 metros que flutuava sob a água que passei meu primeiro ano novo com você.

Foi na Ilha Käio que vi meu primeiro funeral viking, o primeiro de tantos ritos de passagem que vivi ali.

Foi na Ilha Käio que aprendi a ver capivaras, a nadar em lago e que pontes não precisam de curvas.

É nessa Ilha que continuo a te amar.

À Ilha Käio

*Entre amar e não poder, prefiro calhar na Ilha Käio!
Porque entre amar e não poder,
É melhor poder e morrer
Exatamente nas fronteiras da saudosa Ilha Käio!*

Outra vez

Segunda 15 de julho de 2019

Conquista cutucando logo cedo
Como devem ser as nuvens do céu de Käio
Esse lance arcaico de cor
Arrastando o que se pensa

Dizem e eu vi
Falta nada nesse terrário
E tomam anos para que renovem
Anos tantos que tomam anos

Nesta cidade invisível
Que nenhum homem se criou, nesta cidade

A vida ganha sinal
Subindo pela grama
E no corredor até o quarto

Me encontra na Ilha Käio

J.L.

Exposição Interpenetráveis

O trabalho exposto consiste de uma instalação sobre a Ilha Käio, lugar fantástico onde tempo e espaço se distorcem. Jogos cenográficos brincam com a realidade e com a irrealidade do espaço, que é devidamente reconhecido pela nossa maior autoridade em cartográfica atual: o Google Maps.



Figura 13: Artista junto à obra. Acervo nosso



Figura 14: Foto da instalação. Acervo nosso



Figura 15: Foto da obra no espaço. Acervo nosso

P . L .

ERA UMA VEZ UMA ILHA , MEU DEUS

ERA UMA VEZ UM DEUS , MINHA ILHA

ERA UMA VEZ UMA ILHA MINHA , DEUS

PODEM ILHAS SEREM DEUSES

Figura 16: Detalhe da obra. Acervo nosso

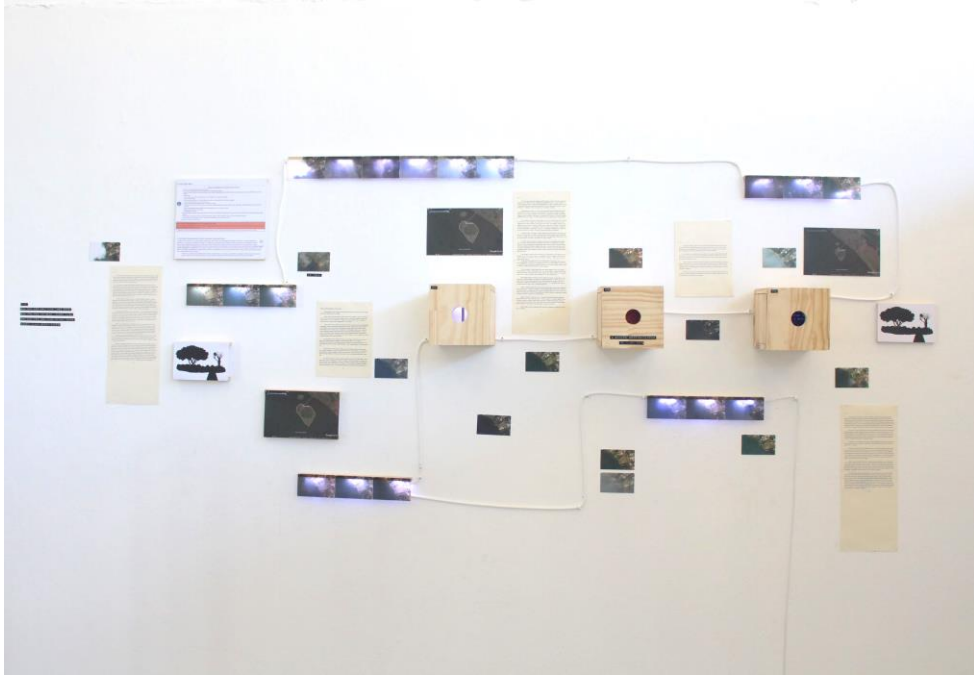


Figura 17: Obra vista de frente. Acervo nosso



Figura 18: Detalhe da obra. Acervo nosso

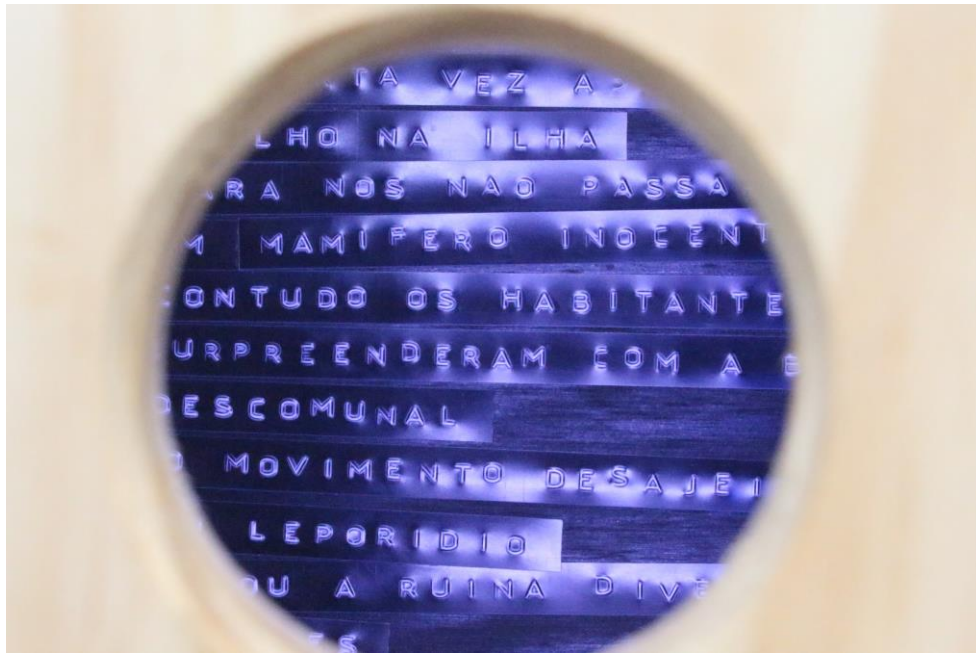


Figura 19: Detalhe da obra. Acervo nosso



Figura 20: Detalhe da obra. Acervo nosso

Oops I Did It Again

(ou dando uma diplomação digna para Marques Lima)

Não poderia me formar sem deixar D., coordenadora da galeria piloto, com alguns cabelos em pé. De fato não tinha pensado em nenhuma ação semelhante à *Como ser uma obra de arte contemporânea e não ser vista*, melhor, não tinha pensado em ação sequer.

Acontece que ao final da montagem da exposição de diplomação, percebemos que havia um erro na plotagem, em meio a todos os artistas que se conheciam constava um tal de Marques Lima. Provavelmente isto era resquício do sobrenome de alguém que ia se formar conosco porém desistiu no meio do percurso.

Contudo pensei que Marques Lima, mesmo não tendo uma existência orgânica real, merecia ter uma obra exposta para que qualquer pessoa que se perguntasse da sua existência tivesse uma confirmação.

Sem muita criatividade peguei uma sacola na qual tinha trago as coisas para a montagem do meu trabalho, um pincel com tinta que alguém deixou secar e tinta preta. Escrevi: Pintura, infelizmente calculei mal o espaço. Escrevia pintura ali pois depois de todo o trabalho que foi a instalação da minha obra só pensava:

- Podia ser pintor, que já chega com as telas prontas (que você sofreu horas e dias a fio terminando, mas que já estão prontas), marca parede, bate 2 ou 3 pregos, coloca o quadro e vai para casa. Mas não sou. Bom, vida que segue.



Figura 21: Obra de Marques Lima. Acervo nosso

Marques Lima.
*Fazer pinturas
seria mais f....,
mas o acaso não
deixa* Orientador:
Pierre Menard

Por fim, tudo de novo.

Pois bem, chegamos ao fim. Pelo menos deste texto. Tudo está conectado. As interações possíveis podem ser desdobradas, mas jamais chegaríamos a um fim definitivo se fôssemos analisar cada fragmento, cada contradição, cada possibilidade aqui apontada. Optamos nesse sentido por terminar o trabalho, mesmo que isso signifique não abordar tudo que queríamos.

Continuemos.

O que fizemos ao longo deste texto foi mostrar a arte e a ficção como ferramentas. Ferramentas que nos possibilitam pensar saídas e alternativas à realidade experimentada. Em um cenário onde o realismo capitalista tem mostrado a si mesmo como única alternativa possível, pensar novas formas de utopias para além das utopias modernas, por mais que difícil que pareça, passa a ser um dever.

Metaforicamente falando, o Realismo Capitalista se assemelha a um campo de eucaliptos: a primeira vista pode parecer uma floresta, mas na realidade é um deserto. Os eucaliptos soltam substâncias venenosas à outras plantas no solo, permitindo que apenas eles mesmos cresçam.

As altas copas do capitalismo escondem o fato de que ele mata as outras realidades possíveis quando estas ainda são apenas brotos. Ser realista, para mim, não significa se render ao R.C, mas estar aberto para as outras realidades possíveis. Realidades essas, que pela ausência de perspectiva futura, fazem-se parecer impossíveis..

Mas é como diz aquele bordão dos jovens franceses de 68:

Sejamos realistas, exijamos o impossível!

Arte, Picasso disse, é uma mentira - uma mentira que nos faz perceber a verdade. À memória daquele grande homem que nunca deixará de existir, ofereço minhas desculpas e desejo a todos vocês, verdadeira e falsamente, uma noite muito agradável (F for Fake, 1975).⁵³

⁵³ Art, [Picasso] said, is a lie — a lie that makes us realize the truth. To the memory of that great man who will never cease to exist, I offer my apologies and wish you all, true and false, a very pleasant good evening (F for Fake, 1975)

[mentirinha]

[Fim?]